



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

O associativismo estudantil na integração e promoção cultural dos estudantes: o papel da AEISCTE junto dos estudantes.

Leonor Henriques Mariano Carvalho da Cunha

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientadora: Prof. Doutora Sofia Costa Macedo, Professora Auxiliar Convidada, Escola de Sociologia e Políticas Públicas do Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de História

O associativismo estudantil na integração e promoção cultural dos estudantes: o papel da AEISCTE junto dos estudantes.

Leonor Henriques Mariano Carvalho da Cunha

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientadora: Prof.^a Doutora Sofia Costa Macedo, Professora Auxiliar Convidada, Escola de Sociologia e Políticas Públicas do Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025

*Aos meus avós,
Deolinda, Américo, Lucrecia e Jorge*

Agradecimentos

Ao meu pai, o meu maior mentor e exemplo

À minha mãe, o meu porto seguro

Ao meu mano, o ausente sempre presente

À minha família

Aos meus amigos

À Associação de Estudantes do ISCTE

Aos professores de todo o meu percurso

“Só o amor nos permite conhecemo-nos.”

José Saramago,

El Periódico de Aragon, 2003

À Professora Doutora **Sofia Costa Macedo**

Pela orientação tão repleta de sabedoria e carinho, pelo apoio, pela disponibilidade, pela sua tão presente indignação e coragem, pela esperança, obrigada.

A esperança tem duas filhas lindas, a indignação e a coragem;
a indignação ensina-nos a não aceitar as coisas como estão; a
coragem, a mudá-las.

Santo Agostinho

Resumo

A presente dissertação pretende analisar o papel do associativismo estudantil na integração dos estudantes, a partir de ações e iniciativas de dinamização cultural, tendo como caso de estudo a Associação de Estudantes do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (AEISCTE). A reflexão em torno do contributo destas estruturas para a vida académica tem vindo a assumir uma maior relevância, mas nem sempre se encontra devidamente sistematizada. Assim, procurou-se compreender de que forma a AEISCTE, enquanto órgão representativo dos estudantes é agente da sua integração ao promover a vivência cultural no contexto universitário. Assim, pretendeu-se identificar os elementos predominantes que contribuem para a integração dos estudantes e compreender as perceções que tanto os estudantes como os representantes dos diferentes núcleos de estudantes têm relativamente às iniciativas da associação.

A investigação recorreu a uma metodologia de natureza qualitativa, sustentada numa perspetiva interpretativista. Esta incluiu a aplicação de inquéritos por questionário a estudantes do ISCTE e a dirigentes dos núcleos académicos, permitindo caracterizar experiências, perceções e expectativas. Os resultados obtidos revelam que a AEISCTE desempenha um papel fundamental na criação de um ambiente inclusivo e dinâmico, destacando-se as atividades culturais e recreativas como os principais fatores de integração e de construção de identidade académica. No entanto, foram igualmente identificadas fragilidades, nomeadamente a necessidade de reforçar a comunicação, melhorar o apoio aos núcleos e promover uma integração mais efetiva do polo de Sintra.

Os dados recolhidos sugerem que, apesar das limitações do estudo, como o número restrito de inquiridos e a possibilidade de enviesamento dos resultados, o associativismo estudantil constitui um agente essencial na promoção cultural e na integração académica. O trabalho deixa, ainda, pistas para investigações futuras em contextos mais alargados, bem como recomendações práticas para que a própria AEISCTE aprofunde a avaliação do impacto das suas iniciativas junto da comunidade estudantil.

Palavras-chave: Associativismo; Universidade; Cultura; Integração Estudantil; Impacto Cultural.

Abstract

This dissertation aims to analyse the role of student associations in the integration and cultural dynamisation of students, taking as a case study the Students' Union of ISCTE - University Institute of Lisbon (AEISCTE). The reflection on the contribution of these structures to academic life has been gaining increasing relevance, though it is not always duly systematised. Thus, the study sought to understand how AEISCTE, as a representative body, fosters cultural experience within the university context. In addition, it aimed to identify the main elements that contribute to student integration and to explore the perceptions that both students and representatives of academic societies hold regarding the association's initiatives.

To achieve the defined objectives, a qualitative methodology was adopted, based on an interpretivist perspective. This included the use of questionnaires administered to ISCTE students and to leaders of academic societies, allowing for the characterisation of experiences, perceptions, and expectations. The results show that AEISCTE plays a fundamental role in creating an inclusive and dynamic environment, with cultural and recreational activities standing out as the main factors of integration and academic identity building. However, certain weaknesses were also identified, namely the need to strengthen communication, improve support for academic societies, and foster more effective integration of the Sintra campus.

The collected data suggest that, despite the study's limitations, such as the restricted number of respondents and the potential for biased results, student associations are key agents in promoting culture and academic integration. The dissertation also provides avenues for future research in broader contexts, as well as practical recommendations for AEISCTE itself to deepen the evaluation of the impact of its initiatives on the student community.

Keywords: Associativism; University; Culture; Student Integration; Cultural Impact.

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	iii
Abstract	v
Índice de Figuras	ix
Índice de Quadros.....	ix
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - REVISÃO DA LITERATURA.....	5
1.1. A teoria da cultura: uma perspetiva interdisciplinar.....	5
1.2. O associativismo como elemento integrante da cultura	9
1.3. O associativismo e o ativismo estudantil em Portugal: Entre a tradição, a contestação e a reinvenção.....	15
CAPÍTULO 2 - ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	21
2.1. A pergunta de partida e os objetivos de investigação.....	21
2.2. Desenho de investigação: O estudo de caso	23
2.3. O método misto	23
2.4. A análise de conteúdo enquanto técnica mista	24
2.4.1. O inquérito como procedimento metodológico de recolha quantitativa.....	25
2.5. A caracterização do <i>corpus</i> de análise.....	28
CAPÍTULO 3 - A AEISCTE: ESTRUTURA, FUNÇÕES E RELEVÂNCIA NO CONTEXTO ACADÉMICO	31
3.1. O ISCTE entre Lisboa e Sintra: tradição, inovação e expansão académica	31
3.2. AEISCTE - Estrutura organizacional e órgãos sociais.....	33
3.3. Os núcleos de estudantes	34
3.3.1. A direção e as secções da direção	34
3.4. Os documentos institucionais	37
3.5. Os processos de associação e benefícios	37
3.6. A relevância da AEISCTE no contexto académico.....	38
3.7. As formas de comunicação externa da AEISCTE.....	39
CAPÍTULO 4 - O ASSOCIATIVISMO ESTUDANTIL: INTEGRAÇÃO E DINAMIZAÇÃO CULTURAL.....	41
4.1. Apresentação e análise de resultados.....	41
4.1.1. Caracterização do universo	42
4.1.2. Atividades	43

4.2. Representações e avaliações dos núcleos sobre a atuação da AEISCTE	51
4.2.1. Caracterização do <i>corpus</i>	51
4.2.2. Caracterização dos núcleos	52
CONCLUSÃO	61
FONTES E BIBLIOGRAFIA	63
ANEXOS	I
Anexo A - Inquérito aos Estudantes	I
Anexo B - Inquérito aos Núcleos de Estudantes	VII
Anexo C – Plano de Atividades e Orçamento da AEISCTE para o biénio 2024/2025	XIII

Índice de Figuras

Figura 1. Impactos do associativismo estudantil.....	12
Figura 2. Perceção da promoção da cultura ISCTE pela AEISCTE	46
Figura 3. Perceção do apoio prestado pela AEISCTE	53
Figura 4. Perceção dos Núcleos relativamente à presença da AEISCTE junto dos estudantes	56

Índice de Quadros

Quadro 1. Número de elementos de cada Núcleo de estudantes da AEISCTE	29
Quadro 2. Dimensões comparativas entre Sintra e Lisboa, ISCTE	33
Quadro 3. Estrutura orgânica da AEISCTE	35
Quadro 4. Eventos por secção da AEISCTE	36
Quadro 5. Respostas obtidas por faixa etária	42
Quadro 6.. Respostas por nível de escolaridade	42
Quadro 7. Atividades organizadas pela AEISCTE que os inquiridos frequentaram	43
Quadro 8. Áreas que os inquiridos gostariam de ter mais apoio por parte da AEISCTE	44
Quadro 9. Categorias de respostas dos estudantes que consideram que a AEISCTE promove uma “cultura ISCTE”	47
Quadro 10. Sugestões de melhoria apontadas pelos estudantes relativamente à ação da AEISCTE	50
Quadro 11. Caracterização dos Presidentes dos Núcleos por área de estudo e género	51
Quadro 12. Fatores de integração dos estudantes	52
Quadro 13. Conhecimento dos representantes dos Núcleos sobre as iniciativas promovidas pela AEISCTE	54
Quadro 14. Apoio da AEISCTE aos Núcleos de Estudantes, por tipo	54
Quadro 15. Carências identificadas pelos Núcleos de Estudantes	55
Quadro 16. Iniciativas que podem reforçar a presença da AEISCTE junto dos Núcleos	56
Quadro 17. Sugestões de melhoria apresentadas pelos representantes dos Núcleos sobre a ação da AEISCTE	57

INTRODUÇÃO

A Associação de Estudantes do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (AEISCTE) constitui uma estrutura representativa da comunidade estudantil, assumindo um papel central e fundamental na vida da instituição. Fundada a 24 de agosto de 1988 com o propósito de defender os direitos e interesses dos estudantes, a AEISCTE, segundo o atual presidente Marco Andrade, representa 11.011 estudantes dos 14.675 que frequentam a universidade (ISCTE, 2025)¹, tendo-se afirmado ao longo das últimas décadas como uma das mais relevantes associações estudantis do país. Esta Associação de Estudantes, organiza, promove e apoia diversas iniciativas de carácter cultural, recreativo, formativo e solidário, visando a construção de um ambiente académico dinâmico, plural e inclusivo. A AEISCTE desenvolve mais de 50 eventos anuais e tem uma estrutura organizacional que inclui a Mesa da Assembleia Geral, a Direção, o Conselho Fiscal e várias secções, como as de Imagem, Comunicação, Cultural, Recursos Humanos, Desportiva, PEC, IT e Núcleos e Relações Internas. A sua ação tem-se pautado por uma elevada participação estudantil, pela diversidade das atividades desenvolvidas e pela sua capacidade de articulação com os diferentes núcleos de estudantes e órgãos institucionais. Identificada a relevância desta estrutura no contexto universitário, esta dissertação pretende refletir sobre o seu papel cultural, e analisar, de forma aprofundada, o contributo do associativismo estudantil para a integração e para a promoção cultural dos estudantes do ISCTE.

A motivação para a realização deste trabalho assenta, não apenas na pertinência científica e social do tema, como também num percurso pessoal enraizado na vivência associativa, dado que a autora integrou a AEISCTE ao longo de três anos. Esta experiência despertou o interesse em compreender, de forma mais sistematizada e crítica, o impacto do associativismo estudantil na vida académica e cultural dos estudantes. Por estas razões, e considerando a natureza do objeto de estudo, optou-se por uma abordagem interpretativista, por se considerar a mais adequada para captar os significados atribuídos pelos estudantes às práticas e às iniciativas promovidas pela AEISCTE.

A ancoragem epistemológica e a abordagem teórica e conceptual selecionadas são o interpretativismo, entendido como construção de conhecimento, os estudos da cultura, alicerçadas numa ontologia interacionista, centrada na relação entre o sujeito e o objeto, e o conceito de associativismo. Assim, o interpretativismo, a teoria da cultura e o conceito de

¹ Informação disponível em [[site do ISCTE](#)] consultado em setembro de 2025.

associativismo, em conjunto, permitem guiar e dar sentido ao processo de investigação desde a definição da problemática até à discussão de resultados. O interpretativista permite, assim, utilizar procedimentos quantitativos e qualitativos, o que possibilita uma visão plural dos fenómenos investigados, porque o que se pretende com ambos é compreender os resultados recolhidos. Esta compreensão e a consequente interpretação dos resultados torna-se mais consistente quando a investigação se serve do melhor que os dois métodos (quantitativo e qualitativo), em estreita associação (misto), podem dar à investigação durante o processo de construção de conhecimento (Blaikie, 2010; Bryman 2012; Creswell, 2009).

A capacidade de o sujeito se relacionar com os objetos de investigação justifica, assim, a adoção do modelo interpretativista na procura construtiva de novos significados. A ação interpretativa, porque evidencia os significados subjetivos, apresenta-se como um modelo eficaz para explicar a diversidade das realidades observadas (Padgett, 2017). É, portanto, na interação que o investigador estabelece com os objetos de investigação, neste caso com os resultados dos inquéritos e as respostas das entrevistas, com a teoria e com os conceitos selecionados que o interpretativismo se afirma, tendo em vista a obtenção de novos sentidos.

Pretende-se, portanto, compreender as manifestações discursivas que resultam da aplicação das técnicas de investigação e dos resultados dos instrumentos de recolha de informação, ou seja, a reconstrução e a projeção de sentidos. Ricœur (1995) defende a necessidade de se associar a compreensão do ser através da compreensão e da reflexão do mundo representado. É a representação extraída dos resultados apurados nos inquéritos que se intenta estudar nesta dissertação de mestrado, partindo da intenção de que a interpretação tem como objetivo construir conhecimentos e de que o conhecimento é resultado da interpretação.

Entende-se, assim, o tema - o associativismo estudantil - e a pergunta de investigação - como é que a Associação de Estudantes do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa contribui para a integração e para a dinamização cultural dos estudantes da instituição, na atualidade? - complementada pelos objetivos - apurar os elementos predominantes que promovem a dinamização cultural e a integração dos estudantes do ISCTE, na atualidade; compreender como é que os representantes dos núcleos da AEISCTE e os estudantes do ISCTE percecionam as iniciativas da associação de estudantes, na atualidade - como sendo o problema de pesquisa (Blaikie, 2010) deste trabalho. Considera-se ainda que chamar à discussão a teoria da cultura e o conceito de associativismo é essencial no sentido de permitir uma discussão de resultados mais consistente.

A estrutura do presente trabalho compreende, além desta introdução e das conclusões, três partes: o primeiro capítulo dedica-se à revisão da literatura, onde se exploram os contributos

teóricos relacionados com a teoria da cultura e com o conceito de associativismo; o segundo capítulo apresenta a abordagem metodológica adotada, com especial enfoque no desenho de investigação, no método, nas técnicas e nos procedimentos de recolha e análise de dados; o terceiro capítulo é dedicado à apresentação e interpretação dos resultados obtidos, articulando-os com a reflexão teórica previamente desenvolvida.

CAPÍTULO 1 - REVISÃO DA LITERATURA

Numa perspectiva interpretativista, a cultura é compreendida como um sistema simbólico partilhado, construído e negociado socialmente, dando sentido à experiência humana (Geertz, 1973). O associativismo, enquanto prática social enraizada em contextos culturais específicos, pode ser analisado como uma manifestação dessa construção simbólica coletiva. As associações, sejam culturais, recreativas ou cívicas, constituem campos de partilha de valores, de identidades e de narrativas que reforçam o sentimento de pertença e de coesão social. Neste contexto, a teoria da cultura permite interpretar o associativismo não apenas como uma resposta organizacional a necessidades sociais, mas como um quadro simbólico onde se manifestam, se reproduzem e se transformam os significados culturais de uma comunidade. As práticas associativas contribuem, assim, para a produção e para a reprodução da cultura local, oferecendo uma moldura interpretativa para a ação social coletiva (Hall, 1997). Através da análise interpretativa do associativismo, é possível compreender como os atores sociais atribuem significado às suas práticas e como estas, por sua vez, moldam as dinâmicas culturais em contextos específicos.

1.1. A teoria da cultura: uma perspectiva interdisciplinar

Os estudos culturais, enquanto área ligada às ciências sociais e humanas, têm sido alvo de contestação desde a sua génese nos anos setenta do século XX, por estimular, de alguma forma, a mudança teórico-metodológica, principalmente, em relação à tradição académica das áreas da sociologia, a história ou literatura (Baptista, 2009). Segundo alguns autores (Baptista, 2009), o berço dos estudos culturais encontra-se em Inglaterra, nos finais da década de 1950, tendo sido institucionalizados, em 1964, com a criação do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, em Birmingham. Mas foi só na década seguinte que a sua influência e sistematização se tornou notória internacionalmente devido ao desenvolvimento teórico dos estudos de Hall, de Barthes, de Lefebvre, de Fiedler e de Fanon (Baptista, 2009), que muito contribuíram para o estabelecimento do diálogo entre cultura, teoria e ação cívica.

Enquanto campo interdisciplinar, os estudos culturais abordam a cultura de diversas formas e em diferentes contextos, em estreita relação com os conceitos de cultura, de poder e de sociedade, a partir de várias abordagens. A análise centra-se nas práticas culturais, relacionando-as com as estruturas sociais, históricas e ideológicas.

Ao destacar-se as contribuições específicas de cada uma destas abordagens, pretende-se demonstrar como estas perspetivas se articulam na compreensão crítica da cultura contemporânea, portanto, com o conjunto de práticas, de valores, de representações e de expressões simbólicas que caracterizam as sociedades atuais, marcadas pela globalização, pela tecnologia digital e pela diversidade identitária. A cultura assim compreendida apresenta-se fluida, híbrida e constantemente reconfigurada pelas dinâmicas do consumo, dos *media* e das redes sociais, refletindo tanto as continuidades como as ruturas em relação ao passado. Como esclarece Canclini (2008), a cultura contemporânea é atravessada por processos de modernização desigual, em que o tradicional e o moderno coexistem em tensão criativa.

Assim, os estudos culturais oferecem um quadro teórico interdisciplinar que permite compreender a cultura nas suas múltiplas dimensões, destacando-se diferentes abordagens que se interligam. A perspetiva histórica mostra como os contextos políticos, sociais e económicos moldam a produção e a receção cultural, revelando que a cultura é dinâmica e sujeita a reinterpretações constantes, como na memória coletiva renegociada em filmes ou literatura (Burke, 2005; Hobsbawm & Ranger, 1983). A abordagem sociológica evidencia a relação entre cultura e estruturas de poder, entendendo-a como campo de disputa que reproduz desigualdades de classe e género, conceitos trabalhados por Bourdieu (1984) através do “habitus” e por Scott (1988) ao analisar a construção social do género. A teoria crítica, inspirada pela tradição marxista e pela Escola de Frankfurt (Horkheimer, Adorno, Marcuse, Habermas, Foucault), defende que a cultura reproduz ideologias dominantes e atribui aos *media* um papel estruturante, enquanto procura desconstruir os mecanismos que naturalizam desigualdades e destacar práticas contra-hegemónicas (Costa, 2013; Kirby et al., 1997; Gunter, 2000; Horkheimer, 2003; Hall, 1997). A perspetiva da receção valoriza a interpretação ativa dos públicos, demonstrando, através do modelo de codificação/descodificação, que os textos culturais podem ser lidos de formas diversas, influenciadas por classe, género, etnicidade ou localização geográfica (Hall, 1980; Morley, 1986). A análise mediática acrescenta a centralidade dos meios de comunicação na produção cultural, sublinhando como moldam perceções, identidades e práticas sociais, criando novas formas de visibilidade e vigilância, mas também de padronização e concentração de conteúdos (Thompson, 1995; Couldry, 2012). Nos contextos pós-coloniais, os estudos culturais interrogam a persistência de representações hegemónicas que legitimaram a dominação colonial e ainda estruturam imaginários, defendendo a reescrita das narrativas a partir das experiências dos colonizados (Said, 1978; Spivak, 1988; Castelo, 2007). As abordagens de género e sexualidade, por sua vez, mostram como as práticas culturais constroem e reproduzem normas, enquanto abrem espaços de resistência, evidenciados na

performatividade de gênero (Butler, 1990) e nas críticas às desigualdades (Hooks, 2000). A perspectiva performativa complementa esta visão ao encarar a cultura como prática e encenação de significados, quer em expressões artísticas, quer em rituais quotidianos, reconhecendo o seu potencial subversivo (Schechner, 2002). Integradas, estas abordagens permitem uma leitura da cultura atenta às relações de poder, às dinâmicas identitárias e às formas de resistência, constituindo também um referencial útil para analisar fenómenos como o associativismo académico. A compreensão do fenómeno cultural exige, cada vez mais, uma abordagem que ultrapasse os limites estreitos de cada disciplina e que valorize o diálogo entre diferentes campos do saber. Esta perspectiva interdisciplinar é fundamental para captar a complexidade dos processos culturais, sobretudo num contexto como o do ensino superior, onde a diversidade de experiências e de trajetórias pessoais se cruza com a multiplicidade de saberes e práticas. A teoria da cultura, enquanto campo de estudo, tem vindo a afirmar-se precisamente pela sua capacidade de integrar contributos provenientes da antropologia, da sociologia, da filosofia, da história, da psicologia social, entre outros domínios.

Segundo Barker (2008), as metodologias mais usadas pelos investigadores ligados aos estudos culturais são: 1) as etnográficas pela sua componente imersiva em que o investigador mergulha na geografia e na demografia com o objetivo de observar em profundidade o seu objeto de estudo; 2) as textuais, com procedimentos de análise de texto, entendendo como texto qualquer forma de linguagem que transmita uma mensagem (escrita, filmes, músicas, fotografias, obras de arte) e que permita compreender como os significados são construídos, interpretados e negociados num determinado contexto sociopolítico, porque um mesmo texto pode ter interpretações diferentes; 3) as de receção, ou seja, de que forma as pessoas (individuais ou grupais) interpretam, compreendem e atribuem significado às várias formas de linguagem, no seu contexto. A teoria da receção valoriza, em todo o processo de comunicação, o papel ativo das pessoas: o que interessa não é só o que o texto diz, mas também o que as pessoas têm a dizer, tendo em conta como propôs Hall (1980) que o mesmo texto cultural, em contextos diferentes, pode ter significados diversos, introduzindo a influência dos contextos social e cultural é central em todo o processo de comunicação.

Bennett (1954) destaca que, historicamente, a antropologia assumiu um papel de “federadora” das ciências humanas, reunindo diferentes olhares sobre o ser humano. Contudo, para Bennett (1954), a mera justaposição de contributos disciplinares revela-se insuficiente para compreender a totalidade dos fenómenos culturais, sendo necessário avançar para uma verdadeira integração conceptual e metodológica. O autor salienta que a investigação interdisciplinar não se limita à combinação de dados, mas implica o desenvolvimento de

esquemas analíticos comuns e de linguagens partilhadas, capazes de ultrapassar as fronteiras tradicionais das disciplinas. Esta integração permite abordar questões como a construção de identidades, as dinâmicas institucionais, os processos de socialização e de transmissão cultural de forma mais rica e aprofundada.

Barker (2008) entende os estudos culturais como uma área teórica edificada “por investigadores que consideram a produção de conhecimento teórico como uma prática política, em que o conhecimento não é neutral nem apenas um fenómeno objetivo, é, contudo, uma questão de posicionamento” (Barker, 2008, p. 27). Ora, o autor pretende clarificar que o posicionamento da investigação em estudos culturais faz convergir os fundamentos teórico-académicos com a prática da participação cívica, sendo o conhecimento, que nunca é neutro, o resultado construtivo e crítico da observação e da interpretação. Há, portanto, aqui, uma relação muito estreita entre a teoria, a prática e a desconstrução da forma como as ciências sociais, metodologicamente, têm olhado os fenómenos culturais.

Esta necessidade de uma abordagem interdisciplinar torna-se ainda mais evidente quando analisamos o conceito de cultura em si mesmo. Cuche (1999) sublinha que a cultura é um conceito polissémico, que remete tanto para práticas e valores partilhados como para processos dinâmicos de negociação de significados e de identidades. A cultura não é um dado estático, mas um processo em constante transformação, atravessado por relações de poder, conflitos, adaptações e resistências. Segundo o autor, é precisamente esta complexidade que justifica a necessidade de recorrer a diferentes disciplinas para compreender os múltiplos sentidos e manifestações da cultura. A abordagem interdisciplinar permite, assim, captar tanto as dimensões simbólicas e subjetivas da cultura como as suas expressões institucionais e materiais, articulando o micro e o macro, o individual e o coletivo (Cuche, 1999).

O primeiro compromisso da teoria da cultura é, pois, considerar o fenómeno cultural como algo complexo, dinâmico e paradoxal, cujos estudos devem sublinhar a multidimensionalidade e o contexto do conhecimento, pois o mundo deve ser observado no contexto sociopolítico e cívico para que os resultados surjam com relevância social (Baptista, 2009). Assim, os estudos culturais pretendem que a cultura seja um elemento central, mas integrado, da sociedade e não, apenas, um aspeto externo ou estudado em separado das outras dimensões (Baptista, 2009). Nesta dinâmica, o cruzamento entre o posicionamento epistemológico, teórico e conceptual, o diálogo interdisciplinar, as escolhas metodológicas e o trabalho empírico é fundamental para a interpretação e discussão dos resultados.

No panorama português, Antunes (1999) oferece uma perspetiva particularmente relevante sobre a teoria da cultura, ao defender que a cultura deve ser entendida como um fenómeno total,

que envolve tanto as produções simbólicas e espirituais como as dimensões materiais e institucionais da vida social. O autor propõe uma análise que integra contributos da história, da filosofia, da antropologia e da sociologia, sublinhando a importância de articular diferentes métodos e perspetivas para compreender a génese, a estrutura e a dinâmica dos fenómenos culturais. Para Antunes (1999), a cultura é simultaneamente um instrumento de orientação, uma bússola para o saber e um motor de transformação individual e coletiva. Antunes (1999) destaca ainda que a cultura não pode ser reduzida a um conjunto de práticas ou de saberes, mas deve ser entendida como um processo de construção de sentido, de ordenação do mundo e de formação do sujeito.

A cultura é, assim, um conceito relacional e processual, não estando apenas nos conteúdos, mas nas formas de interação, nos discursos, nos rituais e nas estruturas sociais que organizam a vida em sociedade. Tal como refere Hall (1997), a cultura envolve processos de significação que estão sempre sujeitos a disputa. A identidade, por exemplo, é construída culturalmente, através da articulação entre pertenças sociais, experiências pessoais e representações simbólicas.

No contexto do ensino superior, esta perspetiva adquire particular relevância. As universidades não são apenas espaços de produção e transmissão de conhecimento científico, mas também territórios culturais onde se constroem identidades, se praticam formas de sociabilidade e se reproduzem, ou contestam, normas e valores. Os estudantes, ao entrarem na universidade, são confrontados com novos códigos simbólicos, novas hierarquias e rituais próprios do campo académico, o processo de integração envolve, portanto, uma dimensão cultural profunda. A teoria da cultura, nesta perspetiva interdisciplinar, permite analisar fenómenos como o associativismo estudantil de forma mais abrangente e profunda. Deste modo, a interdisciplinaridade dos estudos culturais, aplicada ao ensino superior, possibilita compreender a universidade como um espaço complexo onde o conhecimento científico convive com práticas culturais, sociais e simbólicas.

1.2. O associativismo como elemento integrante da cultura

O associativismo é um conceito referente à prática de formar associações ou grupos de indivíduos que se unem em torno de interesses, objetivos e finalidades comuns. Podem seguir diferentes vocações: sociais, culturais, recreativas, profissionais, educativas ou económicas. Visam promover a colaboração entre os membros para alcançar finalidades coletivas. O associativismo baseia-se em princípios como solidariedade, autonomia, democracia e

participação, possibilitando que os indivíduos partilhem recursos, experiências e conhecimentos. As associações podem atuar em diversas áreas, nomeadamente, no desenvolvimento comunitário, na defesa de direitos ou na promoção de atividades culturais, desportivas e ambientais.

Um dos aspetos relevantes do associativismo é fortalecer a cidadania e a coesão social, promovendo a inclusão dos indivíduos na vida comunitária e favorecer a construção de redes de apoio mútuo. Um outro aspeto importante das associações é representar os interesses de diversos grupos, tornando-se, porque agrupadas, vozes mais fortes em relação às questões que afetam os seus associados. Ferreira (2008) sublinha que o envolvimento associativo se traduz num reforço da cultura cívica, promovendo o interesse pela vida pública, a confiança nas instituições e a predisposição para o exercício da cidadania ativa.

O associativismo estudantil, constitui um pilar fundamental para um bom funcionamento da vida cultural nas instituições de ensino superior. Longe de ser apenas um instrumento de representação ou de defesa de interesses, o associativismo é, ele próprio, um fenómeno cultural, que enfatiza um modelo democrático e a valorização da participação cívica.

A história recente portuguesa mostra-nos a relevância das associações: ao caminho de afirmação feito durante a 1.^a República da ligação entre associações e administração central (Macedo, 2025) sucede um momento, no período do Estado Novo (1933-1974) em que o associativismo foi objeto de forte controlo e instrumentalização pelo regime autoritário de Salazar, numa procura de controlar um movimento que impactava nas comunidades. No caso do associativismo o estudantil, neste período foi fortemente reprimido ao ser considerado subversivo. A Constituição de 1933 consagrou o corporativismo como modelo organizativo, promovendo associações profissionais apenas enquadradas pelo Estado, em detrimento das associações autónomas de cariz político, sindical ou cultural. Muitas organizações previamente existentes foram encerradas ou cooptadas, com o intuito de eliminar formas de mobilização independentes. Esta política visava moldar a sociedade civil segundo os princípios do regime, suprimindo a diversidade ideológica e promovendo a "ordem" e a "disciplina social" (Rosas, 1990). Após a revolução de 1974, o capital crítico trazido pelas associações foi reconhecido pelas estruturas governativas (Macedo, 2025, p. 207) que o procuram integrar em novas propostas para a administração pública. Macedo (2025) refere ainda que a relação entre as entidades associativas e os organismos governamentais se revelou determinante no processo de centralização administrativa, influenciando de forma significativa os instrumentos e as estratégias concebidos para integrar as associações no sistema institucional. Esta influência manifestou-se de modo ambivalente. Por um lado, o Governo reconhecia nas associações um

capital crítico e técnico suficientemente relevante para justificar a sua participação nas esferas de decisão, valorizando o seu contributo especializado e a sua proximidade às dinâmicas socioculturais locais. Por outro lado, a natureza eminentemente local da atuação destas entidades e o seu papel como interlocutores privilegiados junto das comunidades constituíam um potencial fator de perturbação na lógica de agregação administrativa do património cultural que o Estado pretendia promover. Neste contexto, impunha-se uma reavaliação cuidadosa do modo como as estruturas associativas poderiam ser incluídas no novo modelo de governação cultural (Macedo, 2025).

É a própria Constituição da República Portuguesa (1976/2005) que consagra o direito ao associativismo, num paradigma de democratização da cultura. Repare-se:

O Estado promove a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural, em colaboração com os órgãos de comunicação social, as associações e fundações de fins culturais, as coletividades de cultura e recreio, as associações de defesa do património cultural, as organizações de moradores e outros agentes culturais.
(Alínea 3, artigo 73.º, capítulo III)

Desta forma, o Estado atua para tornar a cultura mais acessível, promovendo tanto o aproveitamento como a produção cultural por parte de todos os cidadãos. Para isso, deve colaborar com os meios de comunicação, com as entidades culturais como as associações, as fundações, as coletividades recreativas, os grupos de preservação do património, as organizações de moradores e outros agentes culturais.

A importância do associativismo decorre não só da capacidade de mobilização e de intervenção, mas sobretudo do seu papel enquanto espaço de socialização, de aprendizagem e de construção de identidades coletivas. Neste sentido, Viegas (2004) refere que as associações voluntárias funcionam como verdadeiras “escolas de democracia”, proporcionando espaços onde se aprende a negociar as diferenças, a cooperar e a assumir as responsabilidades. Também Neves et al. (2023) corroboram esta posição quando referem que “o associativismo é uma importante dimensão da democracia” (p. 10). No contexto estudantil a replicação deste modelo pode potenciar a valorização do património académico e local, bem como o envolvimento crítico dos estudantes nas políticas culturais, contribuindo para uma cidadania ativa e informada, enraizada na defesa coletiva da memória, da identidade e da diversidade cultural (Neves et al., 2023).

Dos diversos tipos de associativismo, interessa a este estudo aquele que está ligado aos estudantes do ensino superior, nomeadamente, da Associação de Estudantes do ISCTE. Assim,

o associativismo estudantil abrange a organização e a ação coletiva de estudantes em função de objetivos comuns, como a defesa de direitos, a promoção da cultura e a inclusão social. Estimula a cidadania, o espírito crítico e a participação ativa dos jovens, promovendo uma cultura de solidariedade e de colaboração no meio académico e na sociedade em geral (Figura 1).

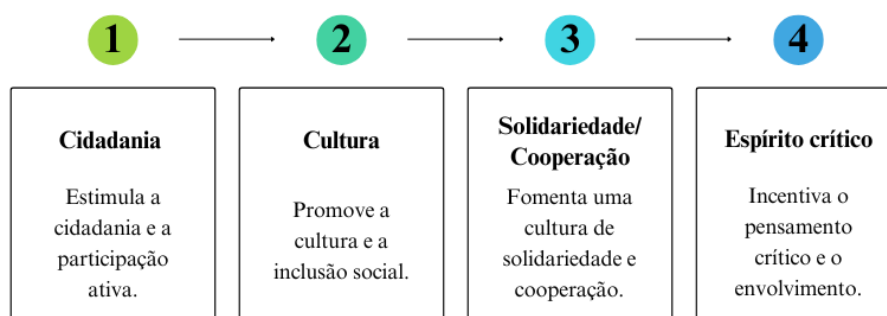


Figura 1. Impactos do associativismo estudantil

Fonte. Elaboração própria a partir da bibliografia consultada (Ferreira, 2008; Neves et al., 2023; Viegas, 2004).

Ferreira (2008) confirma que os jovens envolvidos em associações demonstram níveis mais elevados de participação cívica e política, maior sentido de responsabilidade coletiva e uma atitude mais aberta ao diálogo e à diversidade. No entanto, o autor distingue entre diferentes tipos de associações: as culturais e as de voluntariado que tendem a ter um impacto mais profundo na formação cívica dos estudantes do que as associações desportivas, que frequentemente se centram na prestação de serviços. Esta distinção ajuda a compreender melhor o papel específico de associações como a AEISCTE, que promovem uma oferta mais diversificada de atividades, com impacto na formação social e pessoal dos seus associados.

Neste trabalho, o conceito de associativismo estudantil contextualiza, assim, à ação de os estudantes se unirem em associações, muitas vezes com vínculos à instituição a que pertencem. Desta forma, promovem os seus interesses, defendem os seus direitos, participam nas decisões da instituição e promovem ações de reivindicação, divertimento e formação dentro do ambiente académico. Estas associações podem surgir em escolas, em universidades ou nouro tipo de instituições de ensino. O seu objetivo principal é a representação dos alunos em diversas questões, por exemplo, nas melhorias das condições de ensino, na defesa de direitos ou na organização de eventos. Neste contexto, Viegas (2004) destaca que, ao envolverem os estudantes em múltiplas atividades, desde eventos culturais a ações de solidariedade, as associações contribuem para o desenvolvimento de competências sociais, organizativas e de liderança. Mais do que simples agregados de indivíduos, estas estruturas tornam-se espaços de

experimentação de uma cidadania ativa e da edificação de projetos coletivos. Assim, o associativismo não só estimula a participação académica, como também reforça a preparação dos jovens para o exercício pleno de uma cidadania ativa na comunidade a que pertencem.

O associativismo estudantil, em particular, assume uma relevância acrescida no contexto universitário, onde a inclusão dos estudantes e a promoção da diversidade cultural são desafios centrais. As associações de estudantes, como a AEISCTE, desempenham um papel insubstituível na criação de espaços de encontro, de diálogo e de partilha, contribuindo para a construção de uma cultura universitária plural e inclusiva. Através da organização de atividades culturais, desportivas, recreativas e de solidariedade, promovem não só a integração dos novos estudantes, mas também a valorização da diversidade de experiências e identidades presentes na comunidade académica. Ferreira (2008) acrescenta que o impacto das associações está, igualmente, relacionado com a sua capacidade de promover a inclusão e de renovar práticas democráticas. A diversidade das formas associativas: culturais, políticas, voluntárias, entre outras, traduz-se numa maior adaptação às necessidades dos estudantes e à evolução da sociedade. Contudo, o autor alerta que é fundamental que essas associações se mantenham abertas à participação efetiva dos seus membros, garantindo transparência, inclusão e renovação democrática.

O associativismo constitui-se, assim, como um elemento estruturante da cultura universitária, na medida em que favorece a construção de redes de solidariedade, a partilha de valores e a criação de laços de pertença. Saliente-se que os laços de pertença nas associações são essenciais para o desenvolvimento de uma cultura organizacional sólida, estimulante e participativa, com sentido de responsabilidade coletiva e de coesão entre os membros. Estes vínculos promovem não apenas a continuidade das práticas associativas, mas também a construção de identidades partilhadas, fundamentais para a mobilização e sustentabilidade das organizações no tempo (Santos, 2003). Ao proporcionar experiências de participação e de aprendizagem coletiva, as associações de estudantes contribuem para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e comprometidos com o desenvolvimento social. Esta dimensão formativa é tanto mais relevante quanto mais se reconhece que a vida universitária não se esgota na sala de aula, mas se constrói, similarmente, nos espaços informais de convivência, de debate e de intervenção cívica.

O associativismo, enquanto elemento integrante da cultura, é também um espaço de inovação e de transformação social. Ao mobilizar os estudantes para a ação coletiva, para a defesa de causas e para a experimentação de novas formas de organização, as associações contribuem para a renovação das práticas culturais e para a afirmação de valores como a

solidariedade, a justiça, a igualdade e a liberdade. Assim, o associativismo revela-se não apenas como um meio de expressão social, mas como um instrumento de transformação ética e política (Carvalho, 2006). Esta dimensão inovadora do associativismo é particularmente visível nas respostas a desafios emergentes, como a luta contra as discriminações ou a defesa da sustentabilidade ambiental.

Macedo (2019) analisa o papel das Associações de Defesa do Património na promoção da participação pública em Portugal, destacando a sua relevância nas políticas culturais desde o final da década de 1970. Estas associações, diz a autora, surgiram como espaços privilegiados de deliberação cívica, permitindo o envolvimento dos cidadãos na definição de estratégias para a salvaguarda do património cultural, alicerçadas numa forte ligação às comunidades e num conhecimento técnico-científico qualificado. A investigadora argumenta que as associações desempenham um papel essencial na vitalidade democrática e no desenvolvimento territorial, mas identifica um declínio da sua influência a partir da década de 1990, devido à perda de massa crítica e afastamento das estruturas governativas. Salienta, contudo, a Convenção de Faro (2005) como uma referência importante para um modelo de responsabilidade partilhada entre técnicos e comunidades, apontando a urgência de repensar o movimento associativo. Macedo (2019) defende, ainda, a necessidade de rejuvenescimento das estruturas associativas e de uma maior integração das mesmas nas políticas públicas, alertando para a crise simultânea do património e da sociedade civil. Conclui que o associativismo continua a ser um instrumento vital para garantir uma gestão cultural democrática, participativa e sustentável. Diz a autora que se “considera hoje que as organizações de tipo associativo favorecem o exercício da democracia e da cidadania e, nessa perspetiva, devem ser enquadradas de uma forma ativa nas políticas de desenvolvimento territorial” (Macedo, 2019, p. 3).

Como aludem Neves et al. (2023), a problemática da democracia cultural, bem como a importância do associativismo e das políticas públicas que podem contribuir para a sua consolidação, configuram-se como questões fundamentais no aprofundamento da sociedade e da democracia em Portugal. E continuam referindo que, embora os propósitos da produção cultural não se limitem à articulação entre democracia cultural, associativismo e políticas públicas, esta relação revela-se incontornável para a promoção de um desenvolvimento cultural mais equitativo, inclusivo, plural e global. Neves et al. (2023) referem, ainda, que a promoção do desenvolvimento integral dos indivíduos através das práticas culturais exige abordagens diversificadas e ajustadas às especificidades sociais, territoriais e identitárias das populações. As políticas públicas devem, por isso, considerar estas características, orientando adequadamente os seus apoios. Concluem os anteriores investigadores que este esforço deve

assentar em dados como os do recente Inquérito Nacional às Associações de Cultura, Recreio e Desporto, e contar com a colaboração das universidades, centros de investigação, organizações representativas e cidadãos, num contributo conjunto para o reforço da sociedade civil.

Em síntese, o associativismo estudantil, como ferramenta política e sociocultural, pode dar voz credível à luta pelos direitos e ao esclarecimento sobre os deveres, contribuindo, desta forma, para uma educação e uma sociedade mais participativas, mais inclusivas e mais esclarecidas. O seu papel vai muito além da representação de interesses, constituindo-se como espaços privilegiados de aprendizagem, de experimentação democrática e de construção de identidades coletivas. A valorização do associativismo é, por isso, uma condição essencial para a promoção de uma cultura universitária aberta, plural e participativa, porque estimula a autonomia dos estudantes, fomenta o debate de ideias e fortalece os laços entre diferentes grupos sociais no espaço académico (Pais, 2001).

Deste modo, a partir dos conceitos acima desenvolvidos, interessa para este trabalho apoiar a metodologia e a análise dos resultados na ancoragem interpretativista, que serve, igualmente, de *vigilante* do trabalho de investigação nos vários domínios particulares, pois permite alicerçar uma visão do mundo e construir conhecimento para que a discussão de resultados esteja fundamentada em critérios de qualidade, de consistência e de coerência, no sentido de responder à pergunta de investigação e concretizar os objetivos definidos.

1.3. O associativismo e o ativismo estudantil em Portugal: Entre a tradição, a contestação e a reinvenção

O associativismo e o ativismo estudantil em Portugal constituem fenómenos complexos e multifacetados, marcados pelos contextos políticos, sociais e culturais em que se inserem. Desde a resistência ao Estado Novo até às formas contemporâneas de participação académica, as Associações de Estudantes e outras estruturas representativas assumiram-se como espaços privilegiados de mobilização, contestação e também de promoção de atividades culturais, desportivas e outras. Procura-se analisar de forma diacrónica e crítica o associativismo estudantil em Portugal, com particular atenção ao Instituto Superior Técnico (IST), à Faculdade de Motricidade Humana, da Universidade de Lisboa (FMH-UL) e à Universidade de Coimbra (UC), articulando as perspetivas de Oliveira e Silva (2013), Jacinto (2018), Estanque (2008) e Caseiro (2025).

As crises estudantis dos anos 1960, como observa Caseiro (2025), foram sementes fundamentais da Revolução de Abril, demonstrando o impacto histórico do movimento estudantil na transformação política do país. Hoje, apesar das mudanças, o associativismo estudantil continua a ser um espaço vital de representação e de exercício democrático, mantendo-se relevante para a academia e para a sociedade em geral (Caseiro, 2025). Um marco incontornável na história do associativismo estudantil português é o papel desempenhado pelos estudantes na luta contra o Estado Novo e na preparação da Revolução de Abril. Como salienta Caseiro (2025), as crises estudantis de 1962 e de 1969, marcadas por reivindicações massivas, foram momentos-chave que ajudaram a semear a Revolução de 1974. Estes episódios evidenciam como o movimento estudantil, para além da sua função académica, assumiu um protagonismo político que se revelou determinante para o processo de democratização.

O caso do Instituto Superior Técnico (IST) revela, de forma exemplar, como o associativismo estudantil se articulou com a luta política contra o Estado Novo. Oliveira e Silva (2013) apresentam uma análise detalhada da evolução do ativismo no IST entre 1945 e 1980, período marcado tanto pela massificação do ensino superior como pela persistência do regime ditatorial. O aumento exponencial do número de estudantes (de 1075 em 1950 para 5920 em 1980) e a gradual, embora tímida, feminização do corpo discente criaram dinâmicas sociais que contribuíram para uma maior vitalidade da vida académica. As autoras sublinham que o ativismo no IST não pode ser compreendido sem atender à dupla matriz que o informava: por um lado, a “cultura global de protesto” que se difundiu no pós-guerra, associada a movimentos internacionais de contestação; por outro, as especificidades do contexto português, marcado pela censura, pela repressão e pela ausência de liberdades democráticas (Oliveira & Silva, 2013). Neste quadro, os estudantes do IST encontraram na sua Associação de Estudantes (AEIST) não apenas um espaço de representação formal, mas um verdadeiro núcleo de mobilização e de resistência política. Um momento fulcral foi a oposição ao Decreto-Lei 40900 de 1956-57, diploma que visava reforçar o controlo estatal sobre as associações académicas. Este dispositivo legal foi percecionado como uma tentativa de neutralização da autonomia estudantil, constituindo, segundo Oliveira e Silva (2013), um ponto de viragem na luta dos estudantes. A partir de então, a AEIST tornou-se progressivamente um palco de resistência, articulando reivindicações em torno da autonomia associativa e da liberdade de expressão com a contestação mais ampla ao regime autoritário. Para além do plano político, a AEIST desempenhou também um papel determinante na dinamização de práticas culturais e formas de sociabilidade que contribuíram para consolidar a identidade estudantil. Como assinalam as autoras, a vida associativa caracterizou-se por tensões internas, fruto da pluralidade ideológica

que coexistia entre os estudantes, mas também por momentos de coesão em torno de objetivos comuns. A crise estudantil de 1973 e o envolvimento dos estudantes na preparação da Revolução de Abril de 1974 são apontados como expressões maiores da capacidade mobilizadora da AEIST, que se prolongou também no período pós-revolucionário (Oliveira & Silva, 2013).

Se o IST revela a centralidade da contestação política no associativismo estudantil, o caso de algumas das Associações de Estudantes da Universidade de Lisboa, nomeadamente, a Associação da FMH evidencia outras dimensões do fenómeno, em particular a promoção do desporto universitário. Jacinto (2018) analisa comparativamente a forma como estas associações estruturam e dinamizam o desporto, identificando tanto convergências como divergências significativas. Segundo a autora, as Associações de Estudantes partilham, em geral, uma estrutura organizacional semelhante, o que permite estabelecer paralelismos na sua atuação. Contudo, a importância atribuída a cada modalidade desportiva varia consideravelmente, sendo privilegiadas aquelas que alcançam melhores resultados competitivos ou que gozam de maior visibilidade. Esta lógica conduz a uma desigualdade de oportunidades, já que as modalidades menos expressivas tendem a receber menos apoio e condições (Jacinto, 2018). A autora defende que o contributo das Associações de Estudantes para o desporto universitário é inegável e deve ser reconhecido, mas argumenta que o esforço das associações não é suficiente para responder cabalmente às necessidades dos estudantes. Neste sentido, como mostra, igualmente, Monteiro (2022), é necessária uma ação concertada entre as Associações de Estudantes, as faculdades e a própria Universidade, de modo a criar condições mais equitativas e sustentáveis. Jacinto (2018) revela, assim, uma faceta menos politizada, mas igualmente relevante, do associativismo estudantil: a sua função de promover o bem-estar, a integração e a coesão comunitária através da prática desportiva.

Num contexto em que a formação académica é cada vez mais entendida em articulação com o desenvolvimento pessoal, social e cívico (Monteiro, 2022), as atividades das Associações de Estudantes constituem, assim, um campo privilegiado de intervenção e de oportunidades de inovação e de renovação (Monteiro, 2022), mas também de crise (Estanque, 2008). Isso é acentuado, de forma privilegiada, no associativismo da Universidade de Coimbra (UC).

A UC representa, em Portugal, um caso paradigmático do associativismo estudantil, devido às suas tradições académicas seculares e à centralidade da sua Associação Académica (AAC). Estanque (2008) examina a evolução deste fenómeno, destacando os sinais de crise que o atravessam na contemporaneidade. O autor argumenta que a “cultura-mundo” contemporânea, caracterizada pela individualização e pela hegemonia neoliberal, tem desgastado as bases do

associativismo tradicional. Muitos estudantes manifestam ceticismo e desinteresse face às tradições académicas, preferindo investir na ação individual e na construção de competências orientadas para o mercado de trabalho (Estanque, 2008). Esta mudança de paradigma traduz-se numa menor adesão às formas clássicas de participação coletiva e numa redefinição dos sentidos de pertença estudantil. Apesar deste contexto adverso, Estanque (2008) destaca o papel de resistência desempenhado por grupos específicos, em particular os residentes nas “Repúblicas” de Coimbra. Estes espaços de habitação e convivência mantêm vivas práticas de solidariedade, de vida comunitária e de espírito crítico, funcionando como “guardiões” de uma cultura estudantil mais cívica e interventiva. Contudo, mesmo entre os “repúblicos”, há uma visão crítica de rituais como a praxe e a bênção das pastas, frequentemente percecionados como antiquados ou destituídos de significado. A AAC enfrenta, por conseguinte, o enorme desafio de se reinventar para captar o interesse das novas gerações. Como observa Estanque (2008), o associativismo em Coimbra vive uma tensão permanente entre a preservação das tradições e a necessidade de adaptação a um contexto em que a contestação coletiva perdeu centralidade, cedendo lugar à valorização da realização pessoal e da competitividade profissional.

A mobilização estudantil, refere Caseiro (2025), constituiu-se como uma das frentes mais ativas de contestação ao regime, criando redes de solidariedade e fomentando práticas de cidadania que transcenderam o espaço universitário. Embora o contexto político e social tenha mudado radicalmente desde o 25 de Abril, o movimento associativo estudantil continua a desempenhar um papel central no quotidiano académico. Caseiro (2025) observa que estas organizações permanecem como verdadeiros espaços democráticos de representação, onde se dá voz às comunidades discentes e às suas causas.

A análise conjunta dos casos do IST, da FMH-UL, da UC e, como veremos à frente, da AEISCTE, permite compreender o associativismo estudantil em Portugal, por um lado, como um fenómeno plural, que se foi transformando ao longo do tempo em resposta às mudanças sociais, políticas e culturais e, por outro lado, possibilita a compreensão de que as Associações de Estudantes são fenómenos dinâmicos de causas e de posições individuais que as distinguem umas das outras e das restantes coletividades: a história do associativismo do IST mostra a ligação à luta contra o Estado Novo, assumindo-se como um espaço de resistência e de mobilização política (Oliveira & Silva, 2013); a Associação de Estudantes da FMH-UL, destacou-se pela promoção do desporto universitário, revelando o potencial do associativismo como motor de integração e de bem-estar (Jacinto, 2018); já em Coimbra, a crise do associativismo ilustra os desafios colocados pela individualização contemporânea e pela perda

de centralidade das tradições académicas, ainda que persistam formas de resistência cultural e cívica (Estanque, 2008).

Assim, o estudo do associativismo estudantil em Portugal revela não apenas a importância destas organizações na vida académica, mas também o seu contributo decisivo para a cidadania e para a democracia. Entre a tradição e a reinvenção/renovação/ inovação (Monteiro, 2022), entre a contestação e a inclusão, os associativismos estudantis são uma peça fundamental do tecido social e cultural do ensino superior português, porque continuam a constituir-se como “verdadeiros espaços democráticos de representação estudantil” (Caseiro, 2025, p. 272).

Atualmente, as Associações de Estudantes enfrentam novos desafios, relacionados com a diversidade estudantil, a pressão do mercado de trabalho e as transformações digitais (Azevedo, 2024). No entanto, a sua relevância mantém-se, seja na defesa de melhores condições de ensino, na promoção de atividades culturais e desportivas ou na sensibilização para questões sociais e ambientais. O associativismo estudantil contemporâneo, como demonstram os autores citados anteriormente, ainda que menos marcado pela contestação política direta, continua a ser um espaço de aprendizagem democrática e de exercício da cidadania.

CAPÍTULO 2 - ABORDAGEM METODOLÓGICA

Pretende-se sistematizar o processo metodológico que conduz o presente projeto de investigação para a dissertação de Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura, com o objetivo de estudar o papel da Associação de Estudantes do ISCTE na integração e dinamização cultural dos estudantes da instituição.

São três as motivações para a escolha do tema: 1) a associação de estudantes do ISCTE desenvolve várias atividades anuais com a participação de muitos estudantes; 2) a associação de estudantes do ISCTE apresenta uma estrutura funcional que pode servir de exemplo a outras associações; 3) existe, em Portugal, carência de estudos sobre o associativismo do ensino superior.

Após uma revisão da literatura mais específica, definiu-se a pergunta de investigação que permite relacionar, em permanente diálogo, o presente trabalho com outros estudos de áreas próximas (Creswell, 2009). Selecionou-se, também, o conceito de associativismo ligado ao setor da cultura por parecer ser o caminho teórico e conceptual que melhor poderia servir a compreensão e interpretação dos resultados da pesquisa. As primeiras abordagens teóricas e a pergunta de investigação permitiram restringir as ideias iniciais a dois objetivos que vão ao encontro do que se pretende estudar. Assim, o tema, a pergunta de partida e os objetivos compõem a problemática deste trabalho (Blaikie, 2010), que se encontra ancorada epistemologicamente pelo interpretativismo e metodologicamente por um caminho misto indutivo (qualitativo e quantitativo), daí não se terem definido hipóteses de trabalho, as mesmas surgirão ao longo do estudo e serão sistematizadas na conclusão (Bardin, 2022; Blaikie, 2010; Creswell, 2009).

2.1. A pergunta de partida e os objetivos de investigação

Após uma abordagem exploratória prévia, fundamental para se apurar os possíveis percursos de investigação, definiu-se o foco temático que se pretende estudar (Carvalho, 2009), o associativismo estudantil numa instituição de ensino superior, mais especificamente no ISCTE. Encara-se, assim, o tema como uma dificuldade que se pretende aprofundar, mas não perdendo o foco de que o regresso à teoria é essencial, porque esta permite dar sentido aos resultados apurados no trabalho empírico (Bryman, 2012). Esta etapa inicial é fundamental, pois permite, também, definir o desenho de pesquisa (Blaikie, 2010; Bryman, 2012), bem como a interseção

entre princípios teóricos, métodos e técnicas de investigação (Creswell, 2009) e a elaboração da pergunta de investigação:

Como é que a Associação de Estudantes do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa contribui para a integração e para a dinamização cultural dos estudantes da instituição, na atualidade?

Assim, considera-se que a pergunta e os objetivos são os pontos fortes da inovação e da relevância do estudo (e.g., Blaikie, 2010).

Das várias formas de começar uma pergunta (Blaikie, 2010; Creswell, 2009;), optámos pelo *como* por ser aquela cujo caminho parece conduzir a uma resposta mais elucidativa (Yin, 2001), por facilitar a recolha teórica e empírica de informação (Blaikie, 2010) e por se adequar ao método misto. Para orientar todo este processo, definiram-se, então, dois objetivos operacionais:

1) apurar os elementos predominantes que promovem a dinamização cultural e a integração dos estudantes do ISCTE, na atualidade (2025). Neste trabalho, considera-se como critério de atualidade as informações recolhidas do *corpus* selecionado que reflete o que os informadores pensam sobre as temáticas abordadas num passado muito recente. Daí a relevância, pertinência e a validade dessa informação, em relação aos temas abordados nesta dissertação. Portanto, quando mencionamos atualidade, estamos a referir o grau de proximidade temporal entre a data da produção da informação e o momento presente.

2) compreender como é que os representantes dos núcleos e os estudantes do ISCTE percecionam as iniciativas da associação de estudantes, na atualidade. São, portanto, a pergunta e os objetivos de investigação que circunscrevem a recolha, o tratamento e a análise dos dados (Bryman, 2012).

Verificou-se, também, se a pergunta de investigação apresentava potencial para produzir conhecimento, se estava relacionada com os objetivos, se era clara e direta e se evitava as respostas de sim e de não (Blaikie, 2010; Bryman, 2012).

Depois destes passos iniciais, definiu-se, então, o desenho de pesquisa e os métodos e as técnicas de investigação a ele associados que melhor poderiam servir a recolha de materiais empíricos para se proceder depois à análise interpretativa dos materiais.

2.2. Desenho de investigação: O estudo de caso

O desenho de pesquisa (Blaikie, 2010; Creswell, 2009;) proposto para este trabalho, adota o estudo de caso como instrumento metodológico preferencial (Stake, 2007; Yin, 2001), pois pretende-se estudar a Associação de Estudantes do ISCTE.

O estudo de caso é a explicitação de uma decisão ou de um conjunto de decisões, sendo uma estratégia que tem por objetivo observar detalhadamente um contexto (Bogdan & Biklen, 1994; Yin, 2001); um campo de investigação mais aberto, menos controlado (Lessard-Hébert et al., 1994); uma pesquisa de recolha e análise de dados diversificada (Chizzotti, 2001); uma oportunidade para estudar um problema de forma aprofundada (Bell, 1997) dentro de um contexto real e de um desenvolvimento de proposições teóricas que orientam a recolha e a análise de dados (Yin, 2001).

O estudo de caso recorre à recolha e análise de dados de forma intensiva, permitindo revelar significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos na situação em estudo e os seus contextos. As conclusões aportadas a partir da aplicação da metodologia do estudo de caso serão tanto mais credíveis, quanto maior seriedade revelar a recolha e a análise dos dados. Assim, o estudo de caso é uma tentativa de tornar um caso compreensível (Stake, 2007).

O principal constrangimento apontado pelos teóricos ao estudo de caso é a impossibilidade de se estabelecerem generalizações. Contudo, os autores Bell (1997), Stake (2007) e Yin (2001) revelam que também se aprende muita matéria geral nos casos únicos e que os bons casos únicos são sempre possibilidades de mudar generalizações antigas. Por isso, Bell (1997) refere que “um estudo bem-sucedido fornecerá ao leitor uma ideia tridimensional e ilustrará relações, questões micropolíticas e padrões de influências num contexto particular” (p. 28). Também Stake (2007) refere que o estudo de caso permite clarificar as descrições e aperfeiçoar as interpretações, porque “seguir uma perspetiva construtivista do conhecimento não exige que o investigador evite criar generalizações” (p. 117).

2.3. O método misto

A aplicação de um estudo de caso, revela-se ser o instrumento que melhor serve o presente trabalho, uma vez que o *corpus* de análise surge a partir de dois instrumentos de recolha de dados que preveem a análise quantitativa (inquéritos feitos a duas populações distintas) e a análise qualitativa realizada a partir dos resultados obtidos. Assim, o desenho de pesquisa (estudo de caso) é apoiado pelo método misto. A finalidade, é, portanto, descrever e interpretar os resultados obtidos.

A primeira fase da análise de conteúdo fica, inicialmente, associada ao método quantitativo e depois ao método qualitativo (primeiro objetivo); o segundo objetivo fica associado ao método qualitativo. A abordagem é indutiva, uma vez que parte dos factos para chegar a conclusões mais gerais. Deste modo, a abordagem indutiva, primeiro, permite inferir os sentidos no decorrer da análise (Landry, 2003); depois, possibilita que as hipóteses sejam formuladas na parte final da investigação (Bardin, 2022). Apesar de esta questão entre abordagens e métodos ser uma convenção, os métodos não podem ser utilizados sem uma clara e definida ancoragem ontológica e epistemológica: se a abordagem for indutiva os pressupostos que a orientam têm de ser indutivos (Blaikie, 2010). Ora, qualquer método tem, forçosamente, de estar associado a técnicas que permitam tratar, compreender e interpretar os resultados, pelo que se optou pela análise de conteúdo por ser uma técnica que permite apurar dados de forma quantitativa, por exemplo, através do inquérito, para depois interpretar os resultados qualitativamente.

2.4. A análise de conteúdo enquanto técnica mista

Para cumprir os objetivos, foi escolhida a técnica de análise de conteúdo, porque, segundo alguns autores consultados, esta técnica permite procedimentos de descrição, de inferência, de análise e de interpretação dos resultados (Bardin, 2022; Landry, 2003) dos inquéritos aplicados, portanto, permite procedimentos quantitativos e qualitativos.

A análise de conteúdo, segundo Landry (2003) é uma técnica de tratamento de dados qualitativos que recorre a três procedências: 1) informações existentes, às quais o investigador tem acesso; 2) observações do investigador no local; 3) informações dadas pelos informadores. A análise de conteúdo, para este autor, possibilita a elaboração e a utilização “de modelos sistemáticos de leitura que assentam no recurso a regras explícitas de análise e interpretação dos textos” (p. 346).

Neuendorf (2002), por seu lado, apresenta uma posição contrária à de Landry (2003) relativa à análise de conteúdo. O autor considera-a uma técnica de investigação quantitativa, porque 1) é fundamentada no método científico; 2) surge como unidade de análise e/ou de conjunto; 3) é quantitativa; 4) condensa conteúdos verificáveis; 5) pode ser aplicada a todos os contextos; 6) analisa os conteúdos a partir das características das mensagens.

Considerar a análise de conteúdo apenas como uma técnica de tratamento de dados quantitativa ou qualitativa é, segundo outros autores, redutor (Blaikie, 2010; Bryman, 2012; Creswell, 2009;), porque enquanto técnica de investigação completa prevê a quantificação e a

qualificação dos resultados. Para estes autores a discussão sobre as virtudes de uma sobre a outra é vazia, porque a análise de conteúdo liga o formalismo estatístico e as características qualitativas dos materiais recolhidos durante a investigação. Bardin (2022) refere, já nos anos setenta do século XX, que “a análise qualitativa não rejeita toda e qualquer forma de quantificação” (p. 142), portanto, em relação à análise de conteúdo, a questão entre só qualitativo ou só quantitativo é supérflua, porque os dados estão circunscritos ao tipo de investigação e aos objetivos traçados, e é isso que está na base da escolha do método e, consequentemente, das técnicas de investigação. A análise de conteúdo, como técnica de investigação, deve, então, servir, como indica Vala (1990), “qualquer dos grandes tipos de procedimentos lógicos de investigação e servir igualmente os diferentes níveis de investigação empírica” (p. 104).

2.4.1. O inquérito como procedimento metodológico de recolha quantitativa

O presente estudo adota como principal procedimento metodológico o inquérito por questionário, sustentado pela análise de conteúdo quantitativa e complementado pela interpretação qualitativa. Esta escolha metodológica decorre da necessidade de recolher dados junto de dois grupos distintos: os presidentes dos núcleos de estudantes e os estudantes do ISCTE, de modo a cumprir os objetivos previamente delineados. De acordo com Yin (2001), a utilização de várias fontes de evidência constitui um princípio essencial da investigação em ciências sociais, contribuindo para a robustez e a credibilidade do estudo.

O inquérito por questionário constitui uma das técnicas mais amplamente utilizadas nas ciências sociais, em particular na sociologia, pela sua capacidade de produzir dados quantificáveis e considerados “objetiváveis” no âmbito da racionalidade técnico-instrumental dominante (Ferreira, 1990). A sua aplicação, contudo, não deve ser entendida como um mero exercício técnico, mas antes como um processo de natureza epistemológica, social e política. Ferreira (1990) sublinha que o ato de inquirir corresponde a um “ato de perguntar” (p. 165) que envolve exigências metodológicas complexas. Desde a clareza e a inteligibilidade da pergunta até à definição de critérios para interpretar respostas válidas, a formulação de um questionário exige planeamento rigoroso. Assim, a eficácia do inquérito não reside apenas na elaboração formal das questões, mas também na compreensão das condições sociais e discursivas que enquadram o processo de resposta.

Lakatos e Marconi (1989) reforçam que a construção de questionários deve respeitar princípios fundamentais, tais como a ordem lógica das questões, a adaptação às características do público-alvo e a formulação precisa dos itens. A ausência destes cuidados pode comprometer

tanto a validade interna como a validade externa da investigação. Segundo Quivy e Campenhoudt (1992), o inquérito por questionário apresenta vantagens significativas, nomeadamente a capacidade de quantificação de dados em larga escala, a possibilidade de generalização parcial dos resultados e a obtenção de uma representatividade próxima do universo em estudo. A rapidez na recolha de informação e o potencial para comparar diferentes respostas entre grupos reforçam a sua utilidade. De igual modo, Lakatos e Marconi (1989) destacam benefícios como a garantia de anonimato, que favorece a sinceridade das respostas, e a possibilidade de aceder a informações dificilmente obtidas por outras vias. Para além disso, a aplicação digital através da plataforma Qualtrics acrescenta vantagens operacionais, nomeadamente na automatização da recolha e no processamento preliminar dos dados.

Contudo, não se podem ignorar as limitações. Quivy e Campenhoudt (1992) alertam para a superficialidade de algumas respostas, a dificuldade em captar a complexidade dos contextos sociais e a frágil credibilidade quando os inquiridos não compreendem plenamente as questões. Já Lakatos e Marconi (1989) acrescentam a baixa taxa de resposta, a omissão frequente de perguntas e a impossibilidade de intervir para esclarecer dúvidas. Ferreira (1990) vai mais longe ao salientar que o inquérito está impregnado de pressupostos ideológicos, como o individualismo ou o liberalismo, que moldam tanto o desenho do questionário como a interpretação dos resultados.

No presente estudo, optou-se pela aplicação de dois questionários distintos: um dirigido aos dirigentes dos núcleos de estudantes e outro a todos os estudantes do ISCTE. Esta estratégia, embora exija um maior esforço metodológico, permite confrontar e complementar os dados recolhidos, enriquecendo a compreensão do objeto em análise.

No caso dos dirigentes, procura-se recolher informação a partir de um grupo com responsabilidades de representação e organização estudantil, o que poderá fornecer uma perspetiva mais estruturada e estratégica. Já o inquérito dirigido a todos os estudantes visa captar perceções mais diversificadas, assegurando uma visão abrangente sobre a temática em estudo. Para facilitar a participação, este questionário foi disponibilizado em duas línguas (português e inglês), garantindo, assim, a acessibilidade a toda a comunidade académica.

Esta abordagem alinha-se com a perspetiva interpretativista dos estudos culturais, uma vez que o objetivo central consiste em compreender os significados atribuídos pelos participantes (Yin, 2001). Assim, a análise não se limita à quantificação de frequências ou percentagens, mas procura também interpretar qualitativamente as respostas abertas, complementando a vertente quantitativa.

Embora os questionários constituam o instrumento principal da investigação, a observação desempenha igualmente um papel relevante. Segundo Flick (2009), a observação sistemática permite captar dimensões contextuais e comportamentais que dificilmente emergem das respostas diretas. No contexto deste estudo, a observação dos modos de participação estudantil, da interação nos núcleos e da circulação de discursos na instituição fornece um enquadramento interpretativo indispensável para compreender os dados recolhidos por inquérito.

A observação contribui, assim, para a triangulação metodológica, reforçando a validade do estudo. A convergência de diferentes fontes de dados (questionários, observação e análise documental) aumenta a credibilidade dos resultados e permite minimizar os riscos de enviesamento associados ao uso exclusivo de um único caminho metodológico (Yin, 2001).

A investigação científica exige, para além da recolha e análise de dados, um processo contínuo de reflexão crítica. Schön (1983) introduziu o conceito de “reflexão na ação” e “sobre a ação” como componentes centrais da prática investigativa. No caso do inquérito por questionário, a reflexão incide sobre a pertinência das perguntas, a adequação da linguagem utilizada, a interpretação das respostas e o reconhecimento das limitações impostas pelo método.

Refletir criticamente sobre o processo metodológico permite identificar falhas potenciais, como a tendência para reduzir fenómenos complexos a categorias simplificadas, e equacionar formas de complementar a informação recolhida. Esta prática reflexiva assegura não apenas a transparência da investigação, mas também a sua qualidade epistemológica.

Por último, o planeamento constitui um fator determinante para a credibilidade da investigação. Como defendem Lakatos e Marconi (1989), um inquérito eficaz resulta de uma preparação rigorosa que abrange desde a definição dos objetivos até à escolha da amostra e à calendarização da recolha de dados.

No presente estudo, o planeamento traduziu-se na elaboração de dois instrumentos diferenciados, adaptados aos objetos de análise, na tradução e adaptação linguística do questionário dos estudantes e na utilização de uma plataforma digital que garante acessibilidade e segurança. Para além disso, foi assegurada a disseminação do questionário a todo o universo estudantil através dos serviços académicos, aumentando as probabilidades de alcançar uma taxa de resposta significativa. O planeamento incluiu ainda estratégias para lidar com potenciais limitações, como a inclusão de perguntas abertas que permitam ultrapassar a superficialidade das respostas fechadas. Esta integração metodológica favoreceu uma visão mais abrangente e consistente sobre o fenómeno em análise.

Em síntese, a escolha do inquérito por questionário como instrumento central da investigação justificou-se pela sua capacidade de recolher dados representativos, de articular vertentes quantitativas e qualitativas e de possibilitar comparações entre grupos distintos. Todavia, reconhece-se que a sua aplicação não é isenta de limitações, exigindo planeamento, reflexão e utilização de outras técnicas, como a observação.

A credibilidade de uma investigação depende, assim, não apenas da escolha dos instrumentos metodológicos, mas também do modo como estes são integrados num processo coerente e rigoroso. A conjugação entre inquérito, observação, reflexão crítica e planeamento detalhado constitui a base para a produção de conhecimento válido e significativo no âmbito das ciências sociais.

2.5. A caracterização do *corpus* de análise

A análise do presente estudo é constituída por dois conjuntos distintos de dados:

1) Os resultados de um **inquérito por questionário** dirigido aos 14675 estudantes do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (o *corpus* é constituído pelos 66 inquéritos respondidos durante o período entre 10 de junho e 11 de julho de 2025). Salienta-se, no entanto, que, dos 14675, apenas 11011 estudantes são representados pela AEISCTE, não incluindo estudantes de cursos que não são conferentes de grau, isto é, cursos modulares de preparação, cursos de curta duração, especializações, cursos de pós-graduação e formações avançadas. No entanto, todos os eventos promovidos pela AEISCTE são abertos a toda a comunidade estudantil do ISCTE.

2) os resultados de um **inquérito por questionário** aos representantes dos Núcleos de Estudantes da mesma instituição (o *corpus* é constituído pelos 17 inquéritos respondidos, que correspondem à totalidade dos Núcleos, durante o período entre 10 de junho e 11 de julho de 2025). Apresenta-se no Quadro 1 a constituição de cada Núcleo.

Quadro 1. Número de elementos de cada Núcleo de estudantes da AEISCTE

Núcleo	N.º de elementos
Gestão	35
Marketing	14
Ciência Política	30
Sociologia	25
Serviço Social	34
Recursos Humanos	25
História Moderna e Contemporânea	15
Gestão Industrial e Logística	22
Economia	25
Psicologia	36
Arquitetura e Urbanismo	42
Tecnologias	40
Antropologia	16
Estudantes Africanos	8
Dados	27
Socioeconómicas e Tecnologias (Polo Sintra)	19
Finanças e Contabilidade	27
Total	440

Foram inquiridos os núcleos de estudantes dos dois polos do ISCTE (Lisboa e Sintra). Embora integrados na AEISCTE, estes constituem estruturas autónomas que desempenham um papel essencial na proximidade com os estudantes de cada polo, funcionando como instâncias de apoio mais direcionadas e especializadas. A sua relevância advém não apenas da representação dos interesses académicos de um curso ou grupo específico, mas também da sua capacidade de promover dinâmicas de integração social, cultural e científica no seio da comunidade estudantil. Nesse sentido, o interesse em questionar estas estruturas no âmbito de uma investigação reside na possibilidade de compreender como contribuem para o desenvolvimento de competências extracurriculares, a consolidação de redes de colaboração e o estímulo ao envolvimento académico. Ao observar os núcleos, tornou-se possível identificar práticas de valorização do estudante enquanto agente ativo da sua formação, para além do currículo formal. Analisar o papel dos núcleos é assim fundamental para compreender o impacto destas entidades na construção de uma experiência universitária mais completa e significativa.

Esta estratégia de recolha permitiu articular os dois níveis de análise - individual e organizacional - e assegurar uma leitura mais completa e contextualizada dos fenómenos em estudo, em conformidade com a lógica do método misto adotado (Blaikie, 2010; Creswell, 2009).

A aplicação dos **inquéritos por questionário** teve em vista a obtenção de uma amostra representativa da comunidade estudantil do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, com o

objetivo de recolher dados quantitativos e qualitativos sobre perceções, experiências e níveis de envolvimento nas dinâmicas promovidas pela Associação de Estudantes do ISCTE. O recurso a um questionário padronizado assegurou, neste contexto, a comparabilidade das respostas e a possibilidade de generalização estatística dos resultados. A escolha dos dois instrumentos de recolha (embora semelhantes, com perguntas de resposta aberta e perguntas de resposta fechada) respondeu, assim, aos objetivos definidos na investigação, permitindo não apenas descrever padrões de comportamento e participação estudantil, mas também compreender as lógicas e racionalidades que os sustentam.

CAPÍTULO 3 - A AEISCTE: ESTRUTURA, FUNÇÕES E RELEVÂNCIA NO CONTEXTO ACADÉMICO

A AEISCTE, constitui-se como uma relevante entidade representativa do movimento estudantil em Portugal, assumindo um papel central na defesa dos interesses e no apoio à comunidade discente da instituição. Fundada a 24 de agosto de 1988, a AEISCTE tem, desde então, afirmado a sua presença através de uma atuação contínua, consolidando-se como uma estrutura essencial para a vida académica e social dos alunos do ISCTE nos dois polos: Lisboa e Sintra.

Segundo a informação oficial divulgada (AEISCTE, 2025), a Associação tem-se destacado, ao longo dos últimos vinte e cinco anos, pela sua capacidade de intervenção, representando atualmente cerca de 11.011 estudantes. O seu prestígio advém não apenas da sua notoriedade institucional, mas também da sua competência na promoção de eventos de diferentes naturezas e na defesa ativa dos interesses estudantis.

A implementação do regime fundacional no ISCTE, em 2009, através do Decreto-Lei n.º 95/2009, de 27 de abril (ISCTE, 2025), representou um momento de renovação para a AEISCTE, que adotou a cor azul como elemento distintivo e a designação formal de Associação de Estudantes do ISCTE, reforçando assim a sua identidade. Atualmente, organiza mais de cinquenta eventos por ano, demonstrando dinamismo e capacidade de inovação. A informação exposta no presente capítulo encontra-se disponível no *site* da Associação (AEISCTE, 2025), podendo ser consultada.

3.1. O ISCTE entre Lisboa e Sintra: tradição, inovação e expansão académica

De acordo com a informação disponível no seu site, o ISCTE constitui uma das principais instituições de ensino superior em Portugal. Criado em 1972 como Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, surgiu no contexto da reforma universitária que procurava responder às novas exigências de modernização científica e pedagógica do país. Desde 2009, adquiriu o estatuto de fundação pública, reforçando a sua autonomia institucional e a sua capacidade de resposta às dinâmicas sociais, científicas e económicas contemporâneas.

O polo de Lisboa é o núcleo histórico e central do ISCTE, onde se concentra a maior diversidade da sua oferta formativa. O campus localiza-se na Cidade Universitária e dispõe de infraestruturas modernas, entre as quais se destaca o edifício “ISCTE - Conhecimento e Inovação”, concebido para acolher o Centro de Valorização e Transferência de Tecnologias (CVTT), bem como diversos laboratórios e observatórios científicos. Este investimento em

instalações tem permitido apoiar a atividade de ensino, investigação e transferência de conhecimento para a sociedade.

A estrutura pedagógica do ISCTE organiza-se em diferentes escolas, refletindo a sua natureza multidisciplinar. A Escola de Ciências Sociais e Humanas, a Escola de Sociologia e Políticas Públicas, a Escola de Gestão (ISCTE Business School) e a Escola de Tecnologias e Arquitetura constituem os pilares tradicionais da instituição, aos quais se juntou recentemente a Escola de Tecnologias Digitais, Economia e Sociedade, instalada no polo de Sintra. A oferta académica cobre todos os ciclos de estudo, desde licenciaturas a doutoramentos, passando por mestrados e cursos de pós-graduação, caracterizando-se pela interdisciplinaridade e pelo diálogo constante entre áreas como as ciências sociais, a gestão, a tecnologia, a arquitetura e as políticas públicas.

O ISCTE tem igualmente consolidado uma posição de relevo na investigação científica, com unidades de investigação de reconhecimento nacional e internacional. A aposta em ciência de qualidade está associada a parcerias estratégicas com instituições estrangeiras, a programas de mobilidade estudantil, à oferta de graus conjuntos com universidades internacionais e ao acolhimento de investigadores e docentes de diferentes países. A internacionalização e a inserção em redes globais de conhecimento são, assim, marcas distintivas da sua identidade. Atualmente, a instituição acolhe mais de 14.000 estudantes nos seus dois polos, o que testemunha o seu crescimento contínuo e a procura constante por parte da comunidade académica.

O polo de Sintra constitui uma expansão recente e estratégica do ISCTE. A nova escola entrou em funcionamento em setembro de 2022, instalada na Portela de Sintra após a cedência de terrenos pela Câmara Municipal. A sua criação correspondeu à necessidade de diversificar a rede de ensino superior na Área Metropolitana de Lisboa, aproximando a instituição de uma população estudantil residente em zonas suburbanas e, simultaneamente, promovendo a ligação entre a academia e o tecido económico local.

O ISCTE-Sintra centra-se no ensino e investigação em Tecnologias Digitais Aplicadas, mantendo, contudo, articulação com áreas como a gestão, a economia, as ciências sociais e a saúde. O seu objetivo é cruzar competências tecnológicas com a aplicação prática em diferentes setores, desde a administração pública à educação, passando pela segurança e pela saúde digital. No seu arranque, ofereceu oito licenciaturas na área das tecnologias digitais, uma licenciatura em Matemática Aplicada às Tecnologias Digitais e outra em Política, Economia e Sociedade. Em pouco tempo, tem vindo a alargar a sua oferta formativa, incluindo a introdução do primeiro

mestrado internacional em Transformação Digital no Setor da Saúde, previsto para os próximos anos.

A médio prazo, prevê-se que o polo de Sintra atinja entre 2.500 e 3.000 estudantes, dispondo de instalações definitivas para acomodar esse crescimento. O ambiente académico distingue-se pelo carácter mais familiar e pela proximidade entre docentes e estudantes, em contraste com a dimensão mais vasta e competitiva do polo de Lisboa. Adicionalmente, o custo de vida na região é, em regra, mais baixo do que na capital, o que constitui um fator de atratividade para muitos estudantes (ISCTE, 2025).

Quadro 2. Dimensões comparativas entre Sintra e Lisboa, ISCTE

Aspeto	ISCTE-Lisboa	ISCTE-Sintra
Localização	Lisboa (Cidade Universitária, centro urbano)	Sintra (Portela de Sintra, zona suburbana)
História	Fundado em 1972, polo central e consolidado	Criado em 2022, polo mais recente
Oferta formativa	Muito diversa: gestão, ciências sociais, TIC, arquitetura, políticas públicas, etc.	Foco em tecnologias digitais aplicadas e cursos inovadores ligados a várias áreas
Ambiente	Grande dimensão, vida académica intensa, mais competitivo	Ambiente mais pequeno e familiar, mais proximidade entre alunos e docentes
Custos	Mais elevados (habitação, transportes, alimentação)	Mais acessíveis, com maior qualidade de vida fora do centro de Lisboa
Oportunidades	Ampla rede internacional, investigação consolidada, empregabilidade forte	Crescimento rápido, proximidade às empresas da região, inovação em áreas digitais

Fonte: Iscte, 2025

Em suma, o ISCTE apresenta-se hoje como uma instituição com dois polos complementares. O de Lisboa, consolidado, diversificado e internacionalizado, mantém-se como o coração histórico e científico da instituição. O de Sintra, ainda em desenvolvimento, representa uma aposta na inovação, na proximidade territorial e na especialização em tecnologias digitais aplicadas, contribuindo para o reforço da missão do ISCTE enquanto universidade pública moderna, plural e em constante expansão.

3.2. AEISCTE - Estrutura organizacional e órgãos sociais

A AEISCTE estrutura-se em torno de diferentes órgãos sociais que asseguram a sua governação, coordenação e fiscalização. Estes órgãos desempenham funções diferenciadas, mas complementares, garantindo um funcionamento transparente e eficaz da associação.

- **Mesa da Assembleia Geral (MAG):** órgão deliberativo responsável por presidir e coordenar os trabalhos das reuniões da AG, assegurando a participação democrática dos estudantes nas decisões fundamentais da AEISCTE.
- **Direção:** órgão executivo máximo, incumbido de definir e coordenar as atividades necessárias ao cumprimento dos objetivos estatutários. A Direção encontra-se subdividida em diversas secções, que permitem uma atuação especializada e diversificada.
- **Conselho Fiscal:** órgão de fiscalização que acompanha e avalia a atividade desenvolvida pela AEISCTE, verificando também o cumprimento rigoroso dos seus estatutos.
- **Presidência:** desempenha um papel de representação, constituindo-se como a principal voz da comunidade estudantil perante a instituição e entidades externas.

A existência desta estrutura orgânica permite conjugar funções executivas, deliberativas e de fiscalização, assegurando uma gestão equilibrada e orientada para o interesse coletivo.

3.3. Os núcleos de estudantes

Um dos elementos distintivos da AEISCTE é a dinamização de dezassete núcleos de estudantes (ver Quadro 1). Estes núcleos desempenham um papel essencial na integração dos alunos e na criação de oportunidades de participação ativa, proporcionando um ambiente académico mais inclusivo e estimulante. Para além de contribuírem para o desenvolvimento de competências extracurriculares, os núcleos incentivam o envolvimento académico e social, constituindo um espaço de experimentação e de crescimento pessoal e profissional.

3.3.1. A direção e as secções da direção

A Direção da AEISCTE organiza-se em oito secções especializadas, cada uma responsável por diferentes dimensões da atividade associativa. Acresce, ainda, os elementos que compõem a direção: um presidente, quatro vice-presidentes, que não fazem parte da estrutura das secções, e nove elementos que compõem, igualmente, a estrutura das secções (Quadro 3):

Quadro 3. Estrutura orgânica da AEISCTE

Direção/Secção	N.º de elementos	Género	
Direção Responsáveis pela área financeira	7	Mas	5
		Fem	2
Direção Responsáveis pela área de parcerias	7	Mas	2
		Fem	5
Secção de comunicação	11	Mas	4
		Fem	7
Secção cultural	12	Mas	9
		Fem	3
Secção desportiva	11	Mas	6
		Fem	5
Secção de imagem	12	Mas	6
		Fem	6
Secção de IT	4	Mas	4
		Fem	0
Secção de núcleos de relações internas	6	Mas	5
		Fem	1
Secção de política educativa e cidadania	12	Mas	4
		Fem	8
Secção de recursos humanos	11	Mas	5
		Fem	6

Fonte. Estatutos da AEISCTE de 2024/2025

De uma forma geral, é possível identificar um conjunto de funções específicas atribuídas a cada área ou secção da associação, as quais asseguram o seu funcionamento integrado e eficiente. A área financeira é responsável por todas as matérias relacionadas com a gestão de recursos monetários e patrimoniais, garantindo simultaneamente a necessária transparência. A área de parcerias dedica-se à procura e consolidação de conexões estratégicas que contribuam para o fortalecimento institucional.

No plano da comunicação, a respetiva secção assegura a gestão das plataformas digitais, incluindo as redes sociais e a Rádio Martins Vaz, com o objetivo de garantir uma comunicação eficaz junto da comunidade estudantil. A secção cultural, por sua vez, é responsável por dinamizar atividades que integram a cultura na vida académica, fomentando o espírito próprio do ISCTE. Já a secção desportiva acompanha equipas e atletas, organiza eventos e promove a prática desportiva, incentivando a valorização da atividade física no meio universitário.

Em articulação complementar, a secção de imagem assume a produção de conteúdos gráficos e audiovisuais, elementos fundamentais para a comunicação visual da associação. A

secção de IT dedica-se à gestão dos recursos tecnológicos e ao desenvolvimento de soluções de otimização de processos internos, com impacto direto na experiência digital dos estudantes.

A coordenação interna é igualmente assegurada através da secção de núcleos e relações internas, que acompanha e apoia os núcleos do ISCTE, o grupo mISCuTEm e a TAISCTE, garantindo a necessária articulação logística com a AEISCTE. Paralelamente, a secção de política educativa e cidadania promove iniciativas de sensibilização, voluntariado e participação cívica, bem como a elaboração de propostas políticas. Por último, a secção de recursos humanos centra-se no bem-estar, motivação, satisfação e desenvolvimento dos colaboradores da Direção, contribuindo de forma decisiva para a coesão interna da associação.

Assim, as várias secções desenvolvem as seguintes atividades (Quadro 4):

Quadro 4. Eventos por secção da AEISCTE

Secção	Atividades
Secção de comunicação	Erasmus talks; Workshops de soft skills; Dinamizações de comunicação e imagem; Projetos Rádio Martins Vaz: ISCTE international experience
Secção cultural	Quiz night; Festa de pátio; Sunsets; Standup comedy; Dinamizações culturais
Secção desportiva	Semana desportiva; Taça dos núcleos; Jantar de atletas Eventos de cariz solidário; Dinamizações; Liga ISCTE
Secção de imagem	Dinamizações de comunicação e imagem; Formações/ Workshops de imagem; Concurso de fotografia
Secção de IT	Semana de Workshops; Concurso de programação
Secção de núcleos de relações internas	Análise e acompanhamento de processos eleitorais e RACS; Momentos de formação e convívio; Reuniões plenárias; Apoio a sunsets
Secção de política educativa e cidadania	Dia do trabalho LGBTQIA; Awereness week: semana da saúde; Dia do associativismo; XMAS 4 children; Dia do Estudante; Ester for the elderly; Dia verde; ISCTE sem fronteiras; Dia da Mulher; Dia da Liberdade; Sabias que...; Banco de voluntariado; Elaboração de; moções e outros documentos políticos; Partilha de representação externa; Curso SOS e recolha de sangue; Comissões de trabalho
Secção de recursos humanos	Newsletter interna e dinamizações; Formação dirigentes associativos; Convívios internos; Acompanhamento de secções; Recrutamento e projeto de integração

Fonte. Estatutos da AEISCTE de 2024/2025

Esta divisão interna permite uma resposta multidimensional às necessidades dos estudantes, enquanto potencia a inovação e a eficiência organizacional. Para além destes eventos, são ainda promovidos eventos transversais, tais como: Welcome Week, Festival do Caloiro, Gala ISCTE e Cerimónia de Finalistas.

As atividades são de natureza recreativa, cultural, desportiva, informativa, formativa e outras. As formas e os meios de divulgação das atividades dirigidas ao público do ISCTE são as redes sociais, o *site* da AEISCTE, o email institucional, os locais próprios disponibilizados nos edifícios do Instituto e a divulgação boca-a-boca. Os estudantes têm acesso às atividades dirigindo-se ao local onde as mesmas se efetuam, se são gratuitas, e comprando o bilhete se são pagas.

3.4. Os documentos institucionais

No *site* da AEISCTE são referidos diversos documentos institucionais que, apesar de não estarem disponíveis para consulta online, são essenciais para compreender o quadro normativo e organizativo da associação e do ensino superior.

- **Referentes à Associação:** incluem a *Moção Global FAL*, o *Plano de Atividades*, a *Ata da primeira AGA extraordinária*, o *Regulamento Eleitoral* e o *Comunicado para Concessionários da AEISCTE*. Estes documentos revelam a base estratégica e operacional da associação.

- **Referentes ao ISCTE:** não se encontra qualquer documento disponibilizado.

- **Referentes ao Ensino Superior:** destacam-se o *Programa Retomar*, o *Regime Jurídico da Avaliação do Ensino Superior* e as alterações à *Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior* e à *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Estes documentos contextualizam a atuação da AEISCTE no quadro mais amplo da política educativa nacional.

A existência destes documentos, ainda que sem acesso público imediato, evidencia a articulação da AEISCTE com as dinâmicas institucionais e políticas do ensino superior em Portugal.

3.5. Os processos de associação e benefícios

A adesão à AEISCTE apresenta-se como um mecanismo de integração e de acesso a vantagens relevantes para os estudantes do ISCTE-IUL. O processo de inscrição implica:

1. Criação de conta na *App* de sócio;
2. Preenchimento dos dados solicitados;

3. Pagamento de dez euros na primeira inscrição e cinco euros em renovações anuais, realizado na secretaria da AEISCTE (edifício 1, piso 0).

A quota tem validade de um ano letivo e permite aos sócios usufruir de parcerias e de descontos em eventos organizados pela associação. Esta adesão reforça a ligação entre a AEISCTE e os estudantes, contribuindo para a sustentabilidade financeira e para o fortalecimento da representatividade estudantil.

3.6. A relevância da AEISCTE no contexto académico

Com valores e objetivos definidos e uma atuação diária orientada para a defesa dos interesses dos estudantes, a AEISCTE constitui-se como uma entidade de referência no panorama das Associações de Estudantes em Portugal. A sua capacidade de organizar eventos diversificados, de apoiar o desenvolvimento dos seus membros e de fomentar a participação ativa na vida académica demonstra a sua relevância e impacto.

A equipa que integra a associação distingue-se pela união, dinamismo e inovação, procurando criar soluções que melhorem a experiência estudantil. O investimento na formação interna dos colaboradores assegura uma melhoria contínua, garantindo que cada membro contribui com as suas qualidades para o sucesso coletivo.

Assim, a AEISCTE não se limita a ser um órgão representativo; é, sobretudo, um espaço de crescimento e de preparação para a vida profissional e cívica, desempenhando uma função pedagógica e social de grande alcance.

Os seus órgãos sociais, núcleos de estudantes e secções especializadas asseguram um funcionamento eficiente e diversificado, respondendo às múltiplas necessidades do corpo discente. Através do processo de associação, os estudantes não só acedem a benefícios diretos, mas também reforçam a ligação a uma entidade que se afirma como espaço privilegiado de participação e desenvolvimento.

A AEISCTE assume, deste modo, um papel central no fortalecimento da identidade estudantil do ISCTE-IUL, contribuindo para a construção de uma experiência académica enriquecedora e para a preparação dos seus membros como cidadãos ativos e responsáveis na sociedade.

3.7. As formas de comunicação externa da AEISCTE

A comunicação estratégica assume um papel determinante na gestão e consolidação de organizações com a dimensão de uma Associação de Estudantes, porque permite articular de forma coerente os objetivos institucionais com as necessidades e as expectativas dos diversos públicos-alvo, incluindo estudantes, corpo docente, parceiros institucionais e a comunidade em geral. Uma abordagem comunicacional estruturada contribui para fortalecer a identidade e a legitimidade das instituições, assegurando que a informação sobre as atividades, os projetos e as decisões internas é transmitida de forma transparente, consistente e persuasiva. Para além de fomentar a participação ativa e o sentido de pertença entre os estudantes, a comunicação estratégica facilita, por exemplo, a captação de apoios, a promoção de iniciativas e a construção de uma imagem positiva e credível, elementos que, na atualidade, são essenciais para o impacto e para a sustentabilidade das organizações no contexto académico e social em que se inserem.

A divulgação institucional constitui, pois, um eixo central na afirmação da identidade e no fortalecimento da legitimidade de uma Associação de Estudantes. No presente caso, observa-se que a AEISCTE possui um *site* destinado a dar visibilidade à própria organização e às atividades que promove. Contudo, este recurso apresenta algumas limitações. Apesar de desempenhar um papel informativo, o *site* não disponibiliza documentos fundamentais, como a legislação aplicável, os Planos de Atividades e Orçamento ou um arquivo de documentos que fomenta a sua história, elementos essenciais para garantir a transparência e a credibilidade junto dos associados e do público em geral. Acresce ainda que o referido *site* se revela pouco dinâmico e interativo, o que reduz a sua eficácia enquanto instrumento de comunicação externa.

Neste contexto, tornou-se evidente a necessidade de reforçar a presença da Associação em plataformas digitais de maior alcance, designadamente e principalmente a rede social *Instagram*. Esta rede assume-se como um canal privilegiado de comunicação, não apenas com os estudantes associados, mas também com os não associados, com os antigos alunos e com a comunidade académica e extra-académica em geral. Através do *Instagram*, tem sido possível divulgar, de forma acessível e regular, não só os documentos anunciados no *site*, como também as informações atualizadas sobre as atividades desenvolvidas. A publicação de cartazes e de fotografias dos eventos acrescenta uma dimensão visual que potencia o envolvimento e a proximidade com os públicos-alvo.

Assim, a integração estratégica do *Instagram* no plano de comunicação da AEISCTE representa uma oportunidade significativa para colmatar fragilidades, aumentar a interatividade

e assegurar uma maior transparência, fatores determinantes para a consolidação da sua relevância institucional.

CAPÍTULO 4 - O ASSOCIATIVISMO ESTUDANTIL: INTEGRAÇÃO E DINAMIZAÇÃO CULTURAL

Neste capítulo, procede-se à apresentação e à análise dos resultados apurados ao longo da investigação, cujo tema definimos como sendo “O associativismo estudantil”. O propósito é expor de forma clara e estruturada os dados recolhidos, permitindo a sua interpretação crítica para responder à pergunta de investigação: Como é que a Associação de Estudantes do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa contribui para a integração e para a dinamização cultural dos estudantes da instituição, na atualidade? e atingir os objetivos definidos: 1) Apurar os elementos predominantes que promovem a dinamização cultural e a integração dos estudantes do ISCTE, na atualidade; 2) compreender como é que os representantes dos núcleos e os estudantes do ISCTE percecionam as iniciativas da associação de estudantes, na atualidade.

A exposição dos resultados é organizada em função dos dois inquéritos aplicados: o primeiro relativo aos estudantes do ISCTE e o segundo aos núcleos da AEISCTE, de modo a evidenciar padrões, diferenças e relações relevantes. Em simultâneo, será realizada a análise interpretativa dos resultados obtidos, procurando não apenas descrever os dados, mas também discutir a sua relevância face à literatura existente.

4.1. Apresentação e análise de resultados

Ao questionário, apresentado *online* através da plataforma *Qualtrics* e divulgado aos estudantes através da rede social *LinkedIn*, por ter uma grande presença da comunidade estudantil do ISCTE e da aplicação de comunicação *Whatsapp*, por ser o meio de comunicação mais utilizado pelos diversos grupos do ISCTE, quer grupos da AEISCTE e Núcleo de Estudantes, quer grupos de turma, trabalhos académicos e até de amizades que facilitam este tipo de comunicações (Anexo A), responderam 66 elementos considerados válidos, os quais constituem o *corpus* 1 do presente trabalho.

O universo de análise corresponde, em termos de nacionalidade dos estudantes a estudantes portugueses (97%) e internacionais (3%). Salienta-se que o inquérito foi apresentado em versão bilingue (português e inglês).

4.1.1. Caracterização do universo

O universo em análise foi caracterizado de acordo com algumas dimensões, sendo algumas as mais transversais em modelos metodológicos intensivos, tais como género e idade.

Em relação ao género, as respostas obtidas são maioritariamente de indivíduos do sexo feminino (67%), 30% são indivíduos do sexo masculino, sendo a restante percentagem (3%) de indivíduos que não se identificam com nenhum destes géneros. O que contraria os dados gerais do ISCTE (ISCTE, 2025) em relação à licenciatura que apontam para 52% de alunos do sexo masculino e 48% do sexo feminino. No entanto, se apenas tivermos em conta os mestrados, os dados aproximam-se dos resultados do presente trabalho: 59% femininos e 41% masculinos.

Em relação à idade, responderam estudantes de diversas faixas etárias (Quadro 5).

Quadro 5. Respostas obtidas por faixa etária

18-20 anos / years	27%
21-23 anos / years	48%
24-26 anos /years	18%
27-30 anos /years	1%
Mais de 30 anos	6%

Repare-se que a maioria, 75%, se situa entre os 18 e os 23 anos, o que ainda está no intervalo de idade correspondente aos níveis do primeiro ciclo (licenciatura) e 2º ciclo (mestrado). Contudo, os dados do ISCTE (ISCTE, 2025) apontam que os alunos de licenciatura se encontram entre 17 e os 23 anos e os alunos de mestrado se encontram entre os 20 e 34 anos. A grande maioria dos inquiridos é constituída, assim, por estudantes que frequentam as licenciaturas e mestrados do ISCTE (Quadro 6).

Quadro 6. Respostas por nível de escolaridade

Licenciatura / Bachelor's	66%
Mestrado / Master's	31%
Pós-graduação / Postgraduate diploma	3%

No universo dos que responderam, 78% se encontra no ISCTE há três ou mais anos; 12% entre um e dois anos e 10% frequenta pela primeira vez a instituição no ano letivo de 2024/2025. Os dados recolhidos permitiram ainda identificar que os estudantes prolongam a licenciatura e o mestrado para além do período regular de cinco anos.

A AEISCTE é conhecida por 99% dos respondentes. O que se apresenta como um sinal positivo para percebermos as percepções que têm sobre a associação.

4.1.2. Atividades

A participação em atividades organizadas pela Associação é referida por 90% dos respondentes; apenas 10% referiu nunca se ter envolvido nas dinâmicas da Associação.

Dos que responderam afirmativamente, as festas são a principal atividade frequentada, com 94% das respostas a indicarem já ter participado neste tipo de atividades (Quadro 7).

Quadro 7. Atividades organizadas pela AEISCTE que os inquiridos frequentaram

Festas / Parties	94%
Eventos Desportivos / Sports Events	44%
Workshops e formações / Workshops and training sessions	60%
Eventos culturais / Cultural events	61%
Voluntariado / Volunteering	44%
Outros / Others	6%

Nota. Os inquiridos podiam escolher mais do que uma hipótese.

Logo a seguir às festas, surgem os eventos culturais como sendo uma atividade muito procurada (61%); os workshops e formações com 60% e os eventos desportivos e o voluntariado com 44% cada um. Por último, 6% refere outras atividades, não tendo especificado quais.

Estes resultados mostram que os eventos mais frequentados, elencados no Quadro 4 como ações planificadas no Plano de Atividades da AEISCTE, e apreciadas pelos estudantes inquiridos estão ligadas a uma atividade nos domínios recreativos e culturais. Contudo, as questões formativas e solidárias também apresentem resultados significativos.

No que diz respeito à avaliação feita destas atividades, a maioria dos estudantes (80%), avalia estas atividades entre o bom e o excelente; 14% apresenta uma avaliação razoável e apenas 6% indica que as atividades da associação apresentam uma avaliação negativa, sem, contudo, indicar a razão.

Em relação à forma como tiveram conhecimento destas atividades, os estudantes referem, maioritariamente, que foi através das redes sociais (54%), não explicitando, no entanto, quais, ou através de amigos ou colegas (32%). Percebemos, contudo, como foi abordado no subcapítulo 3.6 deste trabalho, que a AEISCTE faz a sua divulgação e das suas atividades

sobretudo através do *Instagram*. Os restantes 14% indicam ter recebido a informação através de cartazes, divulgação no *campus* ou outros. Este dado mostra como os *media* introduzem novas formas de visibilidade e transformam relações sociais no meio académico (Thompson, 1995).

Os resultados mostram, igualmente, que esta informação não só chega aos potenciais alvos, como é apresentada de forma clara e acessível (89%) ou parcialmente clara e acessível (6%). Os restantes 5% dos estudantes inquiridos consideram a comunicação da AEISCTE nada clara nem acessível.

Em relação às áreas que os estudantes referem que gostariam de ter mais apoio ou os eventos que gostariam que fossem mais frequentes, promovidos pela Associação, são observados no Quadro 8.

Quadro 8. Áreas que os inquiridos gostariam de ter mais apoio por parte da AEISCTE

Cultura	20%
Desporto	10,5%
Mais diversidade de eventos/ocupação de tempos livres/promoção do espírito estudantil	8%
Mais dinâmica no campus de Sintra	6%
Política educativa/ desporto/ saúde/ sustentabilidade	6%
Apoio ao Estudo/Erasmus/diversas documentações	4,5%
Apoio na entrada no mercado de trabalho/progressão na carreira/ligação às empresas	4,5%
Literacia financeira /política	4,5%
Voluntariado	3%
Ação Social	3%
Apoio à melhoria de condições/direitos dos estudantes	3%
Inclusão de deficiências/diversidade	3%
Integrate more the culture of other countries	3%
Mais apoio aos estudantes pós-laboral	1,5%
Residências para estudantes	1,5%
Não sei/ nenhuma	18%

Nota: pergunta de resposta não única.

A análise das respostas recolhidas permite identificar um conjunto diversificado de áreas consideradas prioritárias pelos estudantes no que se refere à ação da associação de estudantes. Os dados revelam uma clara valorização da vertente cultural, 20%, o que demonstra a perceção de que a dinamização de atividades culturais constitui um eixo essencial para a coesão comunitária, a valorização pessoal e a promoção do espírito académico. Esta dimensão cultural, enquanto prática social partilhada, inscreve-se no quadro teórico que entende a cultura como

negociação simbólica (Morley, 1986) e como motor de transformação individual e coletiva (Antunes, 1999).

O desporto, com 10,5%, assume também um papel de destaque, confirmando a sua relevância como instrumento de integração, saúde e bem-estar. Outros domínios que obtêm uma expressão significativa incluem o apoio ao estudo, ao programa *Erasmus* e à documentação diversa, bem como a ligação ao mercado de trabalho, progressão na carreira e relação com empresas. Estes resultados evidenciam a importância atribuída à preparação académica e profissional dos estudantes, numa lógica que transcende o percurso universitário e se projeta para a inserção laboral. O que confirma a ideia de que as associações funcionam como espaços privilegiados de aprendizagem da cidadania ativa e de gestão cultural democrática (Macedo, 2019; Viegas, 2004).

A literacia financeira e política apontada pelos inquiridos revela sensibilidade para áreas que não são suficientemente contempladas nos currículos formais, mas que são cruciais para a cidadania ativa. A necessidade de reforçar a dinâmica no *campus* de Sintra apontada indica a persistência de assimetrias territoriais na vivência estudantil, que a associação deve procurar atenuar.

De igual modo, 8% dos estudantes destacaram a diversidade de eventos e a ocupação dos tempos livres como elementos centrais para o fortalecimento do espírito académico. Questões como a política educativa, desporto, saúde e sustentabilidade, assim como a inclusão da diversidade e das deficiências apontam para preocupações sociais mais amplas.

Ainda que 18% dos estudantes tenham indicado não saber ou não ter nenhuma proposta, a análise geral sugere que existe uma ampla expectativa em torno da AEISCTE enquanto promotora de cultura, inclusão e apoio prático ao percurso estudantil, o que pode revelar a importância que os estudantes atribuem à cultura institucional, que assume um papel central quer no funcionamento, quer no desenvolvimento das organizações, edificando um conjunto de valores, de normas, de práticas e de símbolos que são partilhados e que orientam os comportamentos individuais e coletivos. Para além disso, conferem identidade e união influenciando a maneira como as decisões são tomadas; como as relações internas e externas são estabelecidas; e como se definem as prioridades e as estratégias de atuação. Ao formar no outro determinadas perceções e expectativas a cultura institucional vai legitimando a instituição, junto dos seus elementos e junto da comunidade à qual pertence, potenciando, de igual forma a sua credibilidade e a sua capacidade de se adaptar a contextos de mudança.

Deste modo, se justificam os resultados obtidos no inquérito que revelam que 83% das respostas consideram que a AEISCTE proporciona uma cultura ISCTE (Figura 2).

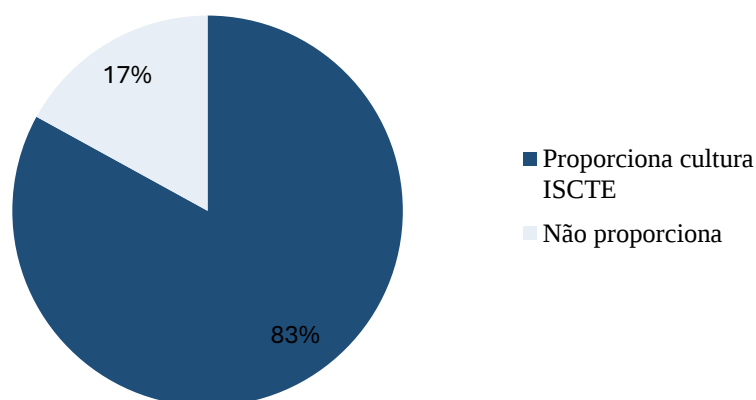


Figura 2. Percepção da promoção da cultura ISCTE pela AEISCTE

Apenas 17% revela não ter notado esforços da associação no sentido de facultar essa forma de inclusão. No entanto, este resultado pode ser de ordem pessoal e/ou social, ou seja, desinteresse pelas ações da AEISCTE; falta de percepção da importância das atividades promovidas, provocando distanciamento e desmotivação para se envolverem; sobrecarga de compromissos pessoais, profissionais, académicos ou familiares; atitudes de desconfiança relativamente à eficácia da ação da associação; inexistência de vínculos com elementos que compõem a associação ou que participam nas suas atividades; falta de identificação com as causas defendidas pelos associados, e outros.

Os inquiridos que consideram que a Associação proporciona uma cultura ISCTE, apresentaram vários argumentos que sistematizamos no Quadro 9. As respostas foram agrupadas em cinco categorias: cultura e ambiente; integração e união; eventos e dinâmicas; imagem externa e prestígio; e percepção pessoal e envolvimento.

Quadro 9. Categorias de respostas dos estudantes que consideram que a AEISCTE promove uma “cultura ISCTE”

Tema	Respostas
Cultura e Ambiente do ISCTE	• Mostra o ambiente e cultura familiar que o ISCTE tem, tanto em relação aos alunos e aos professores • Faz sentir qualquer um em casa. Procura envolver os novos estudantes. • Ambiente descontraído • Diversidade • A AEISCTE cria um ambiente de referência aos estudantes do ISCTE. Penso que sem a AE, o ambiente não seria o mesmo • Torna mais fácil a experiência académica, dinamiza a comunicação entre todos os grupos ISCTE e tem uma presença fundamental na qualidade das infraestruturas e dia a dia no ISCTE • A AEISCTE contribui claramente para uma “cultura ISCTE”, comunidade multifacetada, espírito de casa comum • Espírito único • Nos anos em que estive no ISCTE, a sua cultura foi promovida, em grande parte, pela AEISCTE
Integração e União dos Estudantes	• Faz com que os alunos se juntem, ajuda na integração • Incentiva a uma aproximação de todos os estudantes, quer seja facilitando eventos de lazer como eventos académicos • Acho que cria uma união e uma possibilidade de convívio entre os alunos... os núcleos também contribuem, mas menos que a AE • Procura integrar todos os alunos de várias formas (divulgando festas e outros eventos) • Sempre com imensos eventos que fazem com que o ISCTE nos faça sentir em casa • Realiza diversos eventos de modo a ajudar a comunidade do ISCTE a integrar-se, capacitar-se com novas skills, entre outros • Integração e promoção de um espírito académico saudável em várias vertentes • A AEISCTE promove o encontro de estudantes em eventos, que acrescentam valor e criam memórias • O sentimento de pertença ao ISCTE deve-se muito aos eventos que a AEISCTE proporciona
Eventos e Dinâmica Estudantil	• Sem a AEISCTE, os alunos não teriam a mesma experiência académica • Está sempre com eventos e dinâmicas • A AE, para além das festas/sunsets, proporciona vários eventos (comédia, workshops, desporto) • Sempre com imensos eventos • AEISCTE é essencial... melhores festas de Lisboa, melhor ambiente académico • AEISCTE tornou o instituto conhecido pelas suas festas e sunsets • Semana das 7 artes, mesas redondas, festas temáticas • Desenvolve iniciativas dinâmicas e que cativam os estudantes a estarem presentes no campus • ISCTE é bastante conhecido pelas suas icónicas festas... ativações com marcas conhecidas • Vejo a AEISCTE como o principal dinamizador dessa mesma cultura: festas, festival do caloiro, sunsets, também eventos inovadores

Imagem Externa e Prestígio	• As pessoas de fora conhecem o ISCTE muito pelo trabalho da AEISCTE • A “cultura ISCTE” vem da aproximação dos alunos... e da imagem para fora... AEISCTE tem papel fundamental nos dois campos • AEISCTE é uma das principais razões para o prestígio do ISCTE • AEISCTE tornou o instituto conhecido pelas suas festas e sunsets (também encaixa em eventos)
Perceção Pessoal / Envolvimento	• Considero que sim, mas confesso que nunca me envolvi... por ter sido aluno pós-laboral/online • Acho que é uma AE bastante envolvida com o corpo estudantil, sendo uma grande parte da vida dos que passam pelo ISCTE • Acho que é uma associação muito presente

Desta forma, podemos sistematizar que de acordo com as explicações de quem respondeu, a AEISCTE tem um impacto positivo na construção da cultura académica, no ambiente vivido no *campus*, na integração dos estudantes e na projeção externa da instituição, permitem concluir da relevância da AEISCTE como pilar fundamental da vida universitária, tanto no quotidiano dos alunos como na imagem pública da instituição.

Várias respostas destacam o papel da AEISCTE na criação de um ambiente acolhedor e familiar dentro do ISCTE. Os estudantes sentem que a associação contribui para que qualquer pessoa se sinta em casa, favorecendo a diversidade, um espírito descontraído e um verdadeiro sentido de comunidade. A cultura do ISCTE é reconhecida como multifacetada, resultado da aproximação de alunos de diferentes origens, cursos e experiências, tornando-se num espaço plural e inclusivo. Sem a atuação da AEISCTE, considera-se que o ambiente académico não teria o mesmo impacto e vitalidade.

Outro eixo central identificado nas respostas é o da integração. A AEISCTE desempenha um papel determinante em ajudar os novos estudantes a adaptarem-se ao ISCTE, promovendo encontros, convívio e atividades que estimulam a união entre colegas. Esta integração vai além do lazer, estendendo-se também a momentos de capacitação e aquisição de novas competências. A associação é vista como responsável por fortalecer o sentimento de pertença à instituição, promovendo memórias e experiências que acompanham os alunos ao longo do seu percurso académico. Grande parte da cultura estudantil do ISCTE é reconhecida como fruto da intensa atividade de eventos organizada pela AEISCTE. Desde festas, *sunsets* e Festivais do Caloiro, até *workshops*, desporto, comédia e iniciativas culturais como a “Semana das 7 Artes”, a diversidade e dinamismo da programação tornam a experiência académica única. Em algumas das respostas apresentadas no Quadro 8 observa-se que o ISCTE é amplamente conhecido pelas suas icónicas festas, mas os estudantes reforçam, igualmente, que a relevância da AEISCTE vai além da dimensão recreativa, pois também promove eventos inovadores e ajustados às necessidades reais da comunidade académica.

A AEISCTE é apontada como um elemento fundamental na projeção da imagem do ISCTE para fora da instituição. A sua capacidade de organização de eventos de grande impacto faz com que o ISCTE seja reconhecido noutras universidades e pela sociedade em geral. Para muitos alunos, a associação não reforça apenas o prestígio e a reputação da instituição, mas também contribui para que esta seja vista como um espaço seguro, dinâmico e com fortes valores comunitários.

Apesar do reconhecimento generalizado da importância da AEISCTE, alguns testemunhos revelam experiências mais distantes, sobretudo de estudantes do regime pós-laboral ou *online*, que tendem a não participar ativamente nas atividades. Ainda assim, prevalece a perceção de que a associação tem uma presença muito forte e um papel central na vida estudantil, sendo vista como parte integrante da experiência académica de quem frequenta o ISCTE presencialmente. A análise das respostas permite concluir que a AEISCTE é um pilar essencial da cultura académica do ISCTE. A sua atuação estende-se desde a criação de um ambiente acolhedor e inclusivo até à dinamização de eventos que enriquecem a vida universitária, fortalecendo a integração, o prestígio da instituição e o sentimento de pertença dos estudantes.

Em suma, a AEISCTE é vista não apenas como uma associação de estudantes, mas como um agente fundamental na construção de uma experiência académica completa e diferenciadora. Este papel está em consonância com a literatura que aponta as associações como espaços de experimentação democrática, onde se reforça a cidadania ativa, a diversidade e a cooperação (Ferreira, 2008; Viegas, 2024). Este item do inquérito não contemplava argumentação para uma resposta negativa. Por isso, no ponto seguinte, foi aberta a possibilidade de haver comentários ou sugestões. Daí que alguns inquiridos tenham apresentado sugestões específicas de atividades ou de melhorias para a associação de estudantes, como podemos observar no Quadro 10.

Quadro 10. Sugestões de melhoria apontadas pelos estudantes relativamente à ação da AEISCTE

Abrir mais recrutamento, dar a oportunidade a mais estudantes de participarem na organização de eventos
Apoio a Erasmus (quem chega e quem vai), apoio logístico, procura de casa, mais eventos culturais, como as <i>quizz nights</i> , <i>stand up comedy</i>
Facilitar a burocracia existente
Integrar corretamente o polo de Sintra: é desagradável sentir que são sempre os excluídos, o polo já existe há 3 anos por isso a AE já houve tempo para integrar este polo
Keep up the good work
Maior transparência e rigor na acessibilidade dos alunos à associação. Melhores meios de contacto entre alunos e AE
Não limitar o espaço AE só aos membros da AE. Promover mais atividades aos alunos
Para além de fazer palestras sobre literacia financeira, que é um tema bastante importante e que não é abordado na escola
Partilhar eventos dos Núcleos, proporcionar mais atividades, eventos, tertúlias sobre temas da atualidade que sejam do interesse dos estudantes

A análise do funcionamento de uma associação de estudantes deve partir do reconhecimento do trabalho desenvolvido, mas também da identificação de áreas onde é possível introduzir melhorias estruturais e operacionais. Nesse sentido, importa salientar que a manutenção do desempenho positivo já demonstrado constitui, por si só, um objetivo central. Contudo, a adoção de novas práticas poderá potenciar a relevância e eficácia da associação no quotidiano académico.

Uma primeira medida passa pela abertura de mais processos de recrutamento, de forma a oferecer a um maior número de estudantes a possibilidade de participar ativamente na organização de eventos. Tal estratégia não só amplia o envolvimento estudantil, como promove um espírito de pertença e de renovação contínua.

Em paralelo, a aposta num apoio mais sistemático aos programas Erasmus, tanto para os estudantes que chegam como para os que partem, revela-se fundamental. Este apoio deverá incluir logística, procura de alojamento e atividades culturais diversificadas, como noites de *quiz* ou espetáculos de *stand up comedy*, facilitando a integração social e académica.

Outro ponto de relevo é a necessidade de simplificação da burocracia interna, que frequentemente constitui um entrave à participação dos estudantes. Do mesmo modo, a integração efetiva do polo de Sintra deve ser considerada prioritária, uma vez que a sua exclusão simbólica é prejudicial ao sentimento de coesão institucional. Acresce ainda a exigência de maior transparência e rigor na comunicação com os alunos, garantindo meios de contacto acessíveis e eficazes.

Por fim, os resultados indicam que a associação deve evitar restringir o espaço da AEISCTE apenas aos seus membros, abrindo-o a toda a comunidade acadêmica. A promoção de atividades sobre literacia financeira, debates sobre temas atuais e a partilha de eventos organizados pelos Núcleos são exemplos de iniciativas que podem reforçar o papel da associação enquanto agente dinamizador e inclusivo.

4.2. Representações e avaliações dos núcleos sobre a atuação da AEISCTE

O inquérito realizado aos representantes dos núcleos de estudantes foi igualmente disponibilizado através da plataforma *Qualtrics* e divulgado diretamente aos representantes de cada um dos Núcleos, para o seu preenchimento (Anexo B), através de *email* institucional e do *Instagram*.

Todos os representantes dos Núcleos responderam ao inquérito. Os Núcleos fizeram-se representar, no presente estudo, pelo seu presidente. Posteriormente, foram pedidos esclarecimentos, documentos e dados sobre os respetivos Núcleos através dos meios eletrónicos atrás referidos.

4.2.1. Caracterização do *corpus*

O *corpus* é constituído por 17 elementos que representam a totalidade dos grupos (Quadro 11).

Quadro 11. Caracterização dos Presidentes dos Núcleos por área de estudo e género

Núcleo	Género
Gestão	M
Marketing	F
Ciência Política	M
Sociologia	M
Serviço Social	F
Recursos Humanos	F
História Moderna e Contemporânea	F
Gestão Industrial e Logística	F
Economia	F
Psicologia	M
Arquitetura e Urbanismo	F
Tecnologias	M
Antropologia	F
Estudantes Africanos	F
Dados	F
Socioeconómicas e Tecnologias	F
Finanças e Contabilidade	F

Importa salientar que, à semelhança do observado no inquérito dirigido aos estudantes, no qual se registou uma maior participação de respondentes do género feminino, também no caso dos representantes dos núcleos estudantis se verifica uma predominância feminina, com 70,6% de mulheres e 29,4% de homens. Esta tendência está em consonância com os dados mais recentes do ISCTE (SEAQ et al., 2022-2023), segundo os quais 53% do corpo discente da instituição é constituído por mulheres, bem como com os dados da OCDE (2024), que indicam que, na Europa, 52% da população estudantil do ensino superior é do género feminino.

Acrescente-se ainda, a título ilustrativo e com base na experiência da autora deste estudo, que nos últimos três mandatos da Associação de Estudantes do ISCTE (AEISCTE), a presidência foi exercida por representantes do género masculino.

4.2.2. Caracterização dos núcleos

Os resultados do inquérito apresentado aos representantes de cada núcleo, apontam que 76% dos núcleos de estudantes existem há mais de seis anos; 18% entre 4 e 6 anos; e apenas 6% estão em atividade entre 1 e 3 anos.

A maioria dos representantes (65%) indica que os núcleos contribuem para a integração dos estudantes no ISCTE, 24% refere um contributo bastante positivo e apenas 11% refere que esse contributo é moderado. Pelo que podemos concluir que a maioria dos representantes (89%) está satisfeita com a ação dos núcleos em relação à integração dos estudantes do ISCTE. Sistematizam-se no Quadro 12, os principais fatores que, segundo os dirigentes dos núcleos, contribuem para a integração de estudantes no ISCTE.

Quadro 12. Fatores de integração dos estudantes

Convívios (jantares, <i>sunsets</i> , etc)	94%
Atividades culturais	71%
Sessões de esclarecimento	41%
Voluntariado	24%
Atividades desportivas	12%
Outros:	6%

Nota 1. A hipótese “Outros” contempla respostas de eventos relacionados com o curso (fóruns com oportunidades de emprego ou estágios, sessões de testemunhas de pessoas que tenham experiência na área, etc.).

Nota 2. Os inquiridos podiam escolher mais do que uma hipótese.

Conforme evidenciado, os convívios (94%) e as atividades de natureza cultural (71%) constituem as dinâmicas que mais têm contribuído para a integração dos estudantes na

instituição, seguindo-se as sessões de esclarecimento (41%). Com uma percentagem inferior, mas ainda relevante, destaca-se o voluntariado (24%). Por último, surgem as atividades desportivas (12%) e a categoria “outros” (6%). Importa notar que, apesar de o inquérito possibilitar a explicitação de outros fatores de integração, apenas um respondente apresentou uma sugestão adicional (Quadro 12, Nota 1), a qual poderia, ainda assim, ser enquadrada em categorias previamente apresentadas.

Deste conjunto de resultados pode inferir-se que os principais fatores de integração se situam, predominantemente, no âmbito das atividades recreativas e culturais. Esta perceção, manifestada pelos representantes dos núcleos relativamente ao acolhimento dos estudantes do ISCTE, associa-se também à forma como avaliam o apoio prestado pela AEISCTE (figura 3).

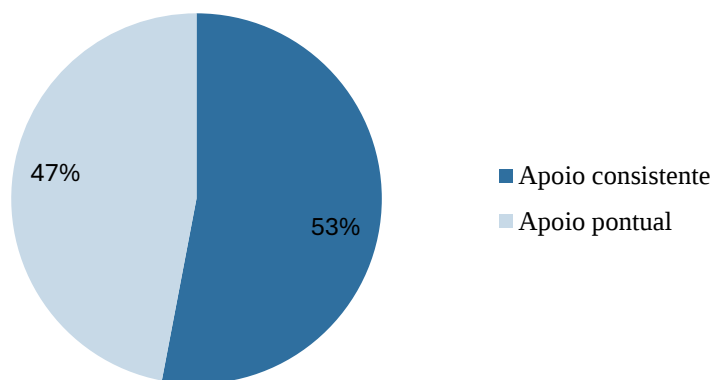


Figura 3. Percepção do apoio prestado pela AEISCTE

Repare-se que 53% consideram que este apoio é consistente, enquanto 47% o classificam como pontual. Tal distribuição sugere que, de um modo geral, os dirigentes dos núcleos não demonstram plena satisfação relativamente à ação da AEISCTE junto destas estruturas.

Este distanciamento expresso pelos inquiridos confirma-se pelo facto de a maioria das respostas indicar que apenas conhece parcialmente a atividade da AEISCTE e apenas 18% conhecem todas as atividades (Quadro 13).

Quadro 13. Conhecimento dos representantes dos Núcleos sobre as iniciativas promovidas pela AEISCTE

Festas, festivais semanas desportivas, workshops, ISCTE Village, ISCTE sem fronteiras, voluntariado, palestras, taça dos núcleos, jantares convívio, dia de boas-vindas, dia verde, cerimónia de finalistas, Xmas for children	76%
Todas	18%
Eventos culturais, recreativos, comunicação de iniciativas no ISCTE, dinamizações pelos campus, presença digital, representação estudantil	6%

A análise das respostas permite constatar que a maioria dos inquiridos associa a atividade da associação académica sobretudo à realização de eventos de grande visibilidade, como festas, semanas desportivas, palestras, voluntariado e cerimónias institucionais, registando-se 76% de menções neste âmbito. Em menor escala, com apenas 6%, destaca-se as dimensões mais transversais, como a comunicação, a presença digital e a representação estudantil, o que sugere uma perceção reduzida sobre estas áreas.

Globalmente, verifica-se uma valorização expressiva da vertente social e cultural, em detrimento de funções de carácter representativo. Esta situação pode justificar o resultado obtido em relação ao apoio da AEISCTE ao seu núcleo, uma vez que 53% classificam o apoio da Associação ao seu núcleo apenas adequado, enquanto 47% indicam um apoio entre bom e excelente. As áreas em que os dirigentes dos núcleos sentem maior apoio por parte da AEISCTE são os indicados no Quadro 14.

Quadro 14. Apoio da AEISCTE aos Núcleos de Estudantes, por tipo

Apoio logístico (espaços, materiais, etc.)	88%
Representação institucional	41%
Apoio financeiro	41%
Orientação na organização de atividades	29%
Divulgação de eventos	6%

Nota. Os inquiridos podiam escolher mais do que uma hipótese.

A análise dos dados evidencia que os dirigentes do núcleo percecionam um apoio significativamente mais expressivo ao nível logístico (88%), revelando que a disponibilização de espaços, materiais e outros recursos constitui a principal forma de suporte por parte da AEISCTE. Em contraste, dimensões como a orientação na organização de atividades (29%) e a divulgação de eventos (6%) assumem um peso menos expressivo, no caso da última residual, sugerindo uma menor valorização ou investimento nestas áreas. O apoio financeiro e a

representação institucional, ambos com 41%, apresentam-se como formas intermédias de suporte, denotando uma relevância moderada. Estes resultados permitem concluir que o apoio sentido é fortemente centrado nos aspetos operacionais, em detrimento de dimensões estratégicas e de visibilidade pública.

Em relação às carências sentidas, são apontadas as seguintes áreas (Quadro 15):

Quadro 15. Carências identificadas pelos Núcleos de Estudantes

Divulgação de eventos	65%
Apoio financeiro	35%
Orientação na organização de atividades	18%
Representação institucional	12%
Outras:	12%
Apoio logístico (espaços, materiais, etc.)	6%

Nota. Os inquiridos podiam escolher mais do que uma hipótese.

Os dados possibilitam verificar que a principal lacuna sentida pelos dirigentes diz respeito à divulgação de eventos (65%), o que indica uma perceção clara de insuficiência na promoção e visibilidade das suas iniciativas. Em menor grau, o apoio financeiro (35%) e a orientação na organização de atividades (18%) também são apontadas como áreas de fragilidade, sinalizando dificuldades no acesso a recursos económicos e no acompanhamento técnico-pedagógico. Já o a representação institucional (12%) e, sobretudo, o apoio logístico (6%), surgem como menos problemáticas, sugerindo que estas dimensões são percecionadas como relativamente asseguradas.

Assim, os dados mostram que a ausência de apoio se concentra sobretudo na esfera da comunicação externa e, em menor medida, na sustentabilidade económica e no planeamento das atividades, fatores que podem comprometer a eficácia e o impacto das ações desenvolvidas.

No que concerne à presença da AEISCTE junto dos estudantes representados por cada Núcleo, a maioria dos dirigentes (59%) considera que essa representação se manifesta de forma clara e evidente. Contudo, uma parte significativa (41%) assinala uma visibilidade reduzida dessa presença, sendo que 12% a caracterizam mesmo como discreta (figura 4).

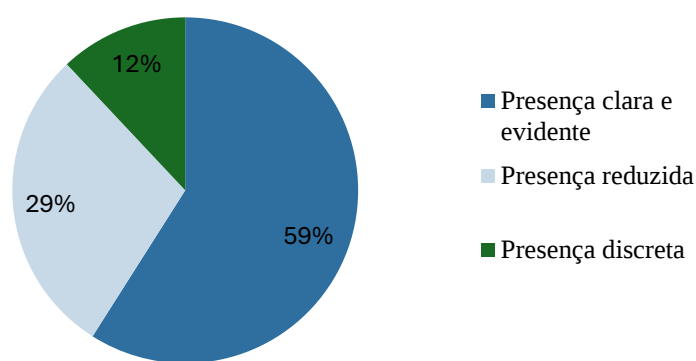


Figura 4. Percepção dos Núcleos relativamente à presença da AEISCTE junto dos estudantes

Os dirigentes dos núcleos de estudantes identificaram ainda um conjunto de medidas que poderiam ser executadas para reforçar a presença da AEISCTE junto dos estudantes (Quadro 16).

Quadro 16. Iniciativas que podem reforçar a presença da AEISCTE junto dos Núcleos

Eventos culturais e recreativos	76%
Atividades de integração para novos estudantes	53%
Ações de apoio aos núcleos	41%
Sessões de esclarecimento ou workshops	29%
Outras:	6%

Nota. Os inquiridos podiam escolher mais do que uma hipótese.

A análise dos dados demonstra que os eventos culturais e recreativos (76%) são percecionados como a principal via para fortalecer as relações institucionais, revelando a relevância atribuída a momentos de convívio e socialização na criação de proximidade entre a AEISCTE e os Núcleos.

Paralelamente, as atividades de integração para novos estudantes (53%) assumem também um papel central, evidenciando a importância da colaboração institucional na facilitação do acolhimento e adaptação académica. As ações de apoio aos núcleos (41%) surgem como um contributo adicional para reforçar a cooperação, ainda que com menor expressão, enquanto as sessões de esclarecimento ou *workshops* (29%) são menos valorizadas, sugerindo que os dirigentes atribuem maior impacto às iniciativas de carácter experiencial e relacional do que às de natureza formativa ou informativa. Deste modo, os dirigentes dos Núcleos, identificam ainda

as melhorias que a AEISCTE podia implementar com vista a tornar-se uma associação com mais impacto (Quadro 17).

Quadro 17. Sugestões de melhoria apresentadas pelos representantes dos Núcleos sobre a ação da AEISCTE

Acompanhar, apoiar, colaborar e dar mais visibilidade aos núcleos. Estabelecer parcerias. Haver mais atividades com os núcleos. Fazer sessões de esclarecimento	17%
Haver mais apoio financeiro aos núcleos. Apostar no trabalho contínuo e em parceria. Envolver todos os órgãos associativos nas atividades a que se propõem	12%
Mostrar ser uma associação preocupada com a dimensão cultural. Apostar mais em eventos interculturais para dar a conhecer a língua e cultura portuguesa. Praticar preços inferior para alunos do ISCTE. A nível recreativo festas e outros eventos diversificados	12%
Apoiar mais em parceria com outras entidades do ISCTE. Há pouca adaptabilidade a novas ideias vindas de outras identidades do ISCTE	6%
Aumentar a cultura desportiva	6%
Comunicar de forma mais próxima e realizar mais eventos de carácter cultural	6%
Investir mais no digital e em parcerias relacionadas com a cultura e torná-la mais acessível aos estudantes	6%
Nenhuma	35%

As respostas recolhidas permitem identificar diferentes áreas de melhoria para a atuação da AEISCTE, revelando tanto preocupações estruturais como expectativas específicas relativamente ao seu papel no contexto universitário.

Entre as sugestões apresentadas, destaca-se a necessidade de maior acompanhamento e apoio aos núcleos, com 17% nesta área. Os inquiridos valorizam não apenas a colaboração, mas também a visibilidade dos núcleos, defendendo a realização de atividades conjuntas, parcerias estratégicas e sessões de esclarecimento. Esta perceção reflete a importância de uma articulação mais próxima entre a associação e os diversos núcleos, potenciando a representatividade e a eficácia da sua ação.

Do mesmo modo, a questão do apoio financeiro aos núcleos foi mencionada em 12%, associada à defesa de um trabalho contínuo em parceria e ao envolvimento mais ativo dos órgãos associativos. Particular relevância assume a recomendação de reforçar a dimensão cultural e intercultural, destacando a importância de promover eventos que deem a conhecer a língua e a cultura portuguesa, bem como de praticar preços mais acessíveis a estudantes da instituição, incluindo no domínio recreativo com festas e outras iniciativas (12%). Esta abertura ao diálogo intercultural inscreve-se na ideia de que a cultura é um fenómeno total (Antunes, 1999), integrando múltiplos olhares e experiências (Bennett, 1954; Schechner, 2002), e que os *media* e os eventos públicos são instrumentos de visibilidade e construção identitária (Thompson, 1995).

Também emergem propostas relacionadas com a criação de parcerias com outras entidades do ISCTE (6%), embora acompanhada de uma crítica à reduzida adaptabilidade a novas ideias provenientes dessas mesmas entidades. A anterior observação sugere a necessidade de abertura a dinâmicas interinstitucionais e à inovação no seio académico. Outros aspetos referidos incluem o reforço da cultura desportiva e a realização de mais eventos culturais (ambos com 6%), elementos que apontam para a valorização de práticas que favorecem a integração e a diversidade de experiências estudantis. A este respeito, recorde-se que, tal como sublinha Canclini (2008), as tensões resultantes da modernização desigual podem gerar efeitos criativos, sendo que no contexto associativo estudantil a diversidade de iniciativas é precisamente um espaço de experimentação cultural. Acresce ainda a sugestão de se investir mais no digital e em parcerias ligadas à cultura (6%), o que revela a perceção da necessidade de modernizar canais de comunicação e de acesso às atividades.

Importa sublinhar, contudo, que 35% dos inquiridos indicaram não ter sugestões de melhoria. Este dado pode ser interpretado de duas formas: por um lado, como sinal de satisfação com o desempenho da associação; por outro lado, como eventual indiferença ou desconhecimento relativamente às suas funções.

Em síntese, as áreas de melhoria apontadas convergem sobretudo em torno da colaboração com os núcleos, da valorização da cultura e do reforço da cooperação institucional, evidenciando a necessidade de uma AEISCTE mais participativa, inclusiva e adaptada às exigências do contexto académico contemporâneo.

Assim, os resultados de ambos os inquéritos apresentados permitem identificar tendências significativas relativamente às perceções dos estudantes e dos núcleos sobre a ação da associação. Observa-se que a AEISCTE é amplamente reconhecida como um agente central na integração e dinamização cultural do ISCTE, assumindo um papel de destaque na criação de um ambiente académico inclusivo, no fortalecimento do espírito de pertença e na projeção da instituição para o exterior. O que vai ao encontro da conceção de que o associativismo é um instrumento de transformação ética e política (Carvalho, 2006), pois promove tanto a inclusão como a renovação das práticas democráticas (Ferreira, 2008).

Para os estudantes inquiridos, a associação contribui para uma vivência universitária rica em experiências culturais, recreativas e formativas, enquanto facilita a integração social e académica. Já para os núcleos, a AEISCTE é vista como uma estrutura de apoio essencial, sobretudo ao nível logístico e na organização de eventos de grande impacto, embora se assinala uma necessidade de reforço nas áreas da comunicação, da divulgação das suas iniciativas e do acompanhamento estratégico.

O que os dados recolhidos sugerem, de forma convergente, é que o associativismo estudantil, materializado na ação da AEISCTE, desempenha um papel estruturante na construção de uma cultura institucional participativa e dinâmica, que vai para além do mero recreio estudantil e se estende à valorização pessoal, académica e profissional dos estudantes. Deste modo, confirma-se que as associações estudantis são também espaços privilegiados de deliberação cívica e de gestão cultural democrática e sustentável (Macedo, 2019). Para além de evidenciar aspetos positivos, sobressaem igualmente áreas suscetíveis de melhoria, nomeadamente o aprofundamento do apoio aos núcleos, a diversificação das iniciativas culturais e interculturais, a integração efetiva do polo de Sintra e a promoção de mecanismos de comunicação mais próximos e eficazes. Neste sentido, o fortalecimento do trabalho colaborativo entre a AEISCTE, os núcleos e a comunidade estudantil poderá não só potenciar a coesão interna, mas também ampliar o impacto da associação enquanto promotora de integração e dinamização cultural no ISCTE.

CONCLUSÃO

Entende-se, assim, o tema do associativismo estudantil e a pergunta de investigação formulada - *Como é que a Associação de Estudantes do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa contribui para a integração e para a dinamização cultural dos estudantes da instituição, na atualidade?* - como tendo sido respondida de forma consistente ao longo deste trabalho. Os objetivos delineados - apurar os elementos predominantes que promovem a dinamização cultural e a integração dos estudantes do ISCTE e compreender como é que os representantes dos núcleos e os estudantes percecionam as iniciativas da associação - foram igualmente cumpridos, revelando que a AEISCTE desempenha um papel relevante enquanto promotora de integração académica e social e de dinamização cultural, ainda que com áreas suscetíveis de melhoria.

O enquadramento metodológico de natureza interpretativista mostrou-se fundamental para a análise, ao permitir compreender as perceções dos participantes não apenas como dados objetivos, mas como construções de sentido enraizadas nas suas experiências académicas. A teoria da cultura forneceu a base conceptual para interpretar o associativismo enquanto prática cultural e simbólica que molda a identidade coletiva da comunidade estudantil. Neste sentido, confirma-se que as associações constituem espaços de produção de sentidos e de construção plural de realidades sociais (Antunes, 1999; Hobsbawm & Ranger, 1983; Schechner, 2002), onde a memória coletiva é dinâmica e continuamente renegociada para assegurar a coesão institucional.

Do mesmo modo, o conceito de associativismo permitiu compreender a AEISCTE como espaço de cidadania ativa, onde os estudantes são confrontados com práticas de cooperação e diversidade cultural. Tal como a literatura sugere, o associativismo promove o interesse pela vida pública, reforça a confiança nas instituições e estimula a participação cívica dos jovens (Ferreira, 2008; Neves et al., 2023; Viegas, 2004), sendo que os estudantes envolvidos em associações tendem a revelar maior responsabilidade coletiva e abertura ao diálogo.

Em termos de impacto, este estudo confirma que o associativismo contribui de forma significativa para o desenvolvimento de competências sociais, organizativas e de liderança, bem como para a promoção da inclusão e da renovação democrática. Enquanto instrumento de transformação ética e política (Carvalho, 2006; Ferreira, 2008; Macedo, 2019; Viegas, 2004), a AEISCTE assume-se como um espaço essencial de deliberação cívica e de gestão cultural

participativa e sustentável, indo além da vertente recreativa e projetando-se na valorização pessoal e académica dos estudantes.

Não obstante, este estudo apresenta fragilidades, nomeadamente, o número reduzido de inquiridos, que limita a generalização dos resultados, e a recolha de dados *online*, que pode ter levado a uma maior participação de estudantes ligados à associação. Este último facto pode ter enviesado os resultados, reduzindo a representatividade das perceções de estudantes menos próximos da sua dinâmica. Ainda assim, os dados recolhidos permitem abrir caminhos para futuras investigações. Seria pertinente a realização de um estudo mais abrangente, que replicassem os mesmos instrumentos de inquérito noutras universidades e institutos, de modo a comparar práticas e perceções do associativismo estudantil em diferentes contextos. Do mesmo modo, propõe-se, por um lado, que a própria AEISCTE promova, de forma sistemática, inquéritos anuais junto dos estudantes, com vista a diagnosticar fragilidades, expectativas e necessidades, contribuindo não apenas para o enriquecimento do seu programa anual, mas também para a consolidação do associativismo enquanto elemento central da integração e da cultura institucional e, por outro lado, face ao valor histórico e informativo da documentação produzida pela AEISCTE, à semelhança do que Micaelo (2013) propõe para o Instituto Superior Técnico, sugere-se a criação de um arquivo histórico, com a devida indexação e conservação dos materiais, que garanta que o património histórico da Associações de Estudantes seja acessível para futuras investigações e fique preservado para as próximas gerações.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

- AEISCTE (2024). *Plano de atividades e orçamento 2024/2025*. Associação de Estudantes do ISCTE.
- AEISCTE (2025). <https://aeiscte-iul.pt/sobre-nos/>
- Antunes, M. (1999). *Teoria da Cultura*. Edições Colibri.
- Azevedo, M. (2024). *O impacto do Movimento Júnior Português na adaptação às exigências do mercado de trabalho atual e o papel mediador do PsyCap*. <http://hdl.handle.net/10071/32790>
- Baptista, M. M. (2009). Estudos culturais: O quê e o como da investigação. *Carnets*, 1, 451-461. <https://doi.org/10.4000/carnets.4382>
- Bardin, L. (2022). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barker, C. (2008). *Cultural studies: Theory and practice*. Sage Publications.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação*. Gradiva.
- Bennett, J. W. (1954). Interdisciplinary research and the concept of culture. *American Anthropologist*, 56(2), 169-179. <https://doi.org/10.1525/aa.1954.56.2.02a00010>
- Blaikie, N. (2010). *Designing social research*. Polity Press.
- Bourdieu, P. (1984). *Distinction: A social critique of the judgement of taste*. Harvard University Press.
- Bryman, A. (2012). *Social research methods*. Oxford University Press.
- Burke, P. (2005). *What is cultural history?*. Polity Press.
- Butler, J. (1990). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. Routledge.
- Canclini, N. G. (2008). *Leitores, espectadores e internautas: A mutação dos consumidores culturais*. Iluminuras.
- Carvalho, J. B. (2006). *Associativismo e cidadania: Contributos para uma sociedade civil ativa*. Edições Afrontamento.
- Caseiro, J. P. (2025). Associativismo estudantil: Da luta pela liberdade à vigilância democrática. *Revista Ipsi Verbis*, 7, 271-274.
- Castelo, C. (2007). *O modo português de estar no mundo: O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933–1961)*. Edições Afrontamento.
- Chizzotti, A. (2001). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. Cortez Editora.
- Costa, M. N. da (2013). Introdução. In M. N. da Costa (Org.), *Teoria crítica revisitada* (pp. 9-12). Edições Húmus.

- Couldry, N. (2012). *Media, society, world: Social theory and digital media practice*. Polity Press.
- Creswell, J. W. (2009). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. Sage Publications.
- Cuche, D. (1999). *Cultura e Identidade*. Edições 70.
- Estanque, E. (2008). Jovens, estudantes e ‘repúblicos’: Culturas estudantis e crise do associativismo em Coimbra», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 81, 9-41.
- Ferreira, P. M. (2008). Faz o associativismo alguma diferença na cultura cívica dos jovens portugueses? *Sociologia, Problemas e Práticas*, 57, 109-130.
- Ferreira, V. (1990). O inquérito por questionário na construção de dados sociológicos. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Coords.), *Metodologia das ciências sociais* (pp.165-196). Edições Afrontamento.
- Flick, U. (2009). *An introduction to qualitative research*. Sage.
- Geertz, C. (1973). *The interpretation of cultures*. Basic Books.
- Gunter, B. (2000). *Media research methods: Measuring audiences, reactions, and impact*. Sage Publication.
- Hall, S. (1980). Encoding/decoding. In S. Hall, D. Hobson, A. Lowe & P. Willis (Eds.), *Culture, Media, Language* (pp. 128-138). Hutchinson.
- Hall, S. (1997). *Representation: Cultural representations and signifying practices*. Sage Publications.
- Hobsbawm, E. & Ranger, T. (1983). *The invention of tradition*. Cambridge University Press.
- Hooks, B. (2000). *Feminist theory: From margin to center*. South End Press.
- Horkheimer, M. (1968/2003). *Teoria Crítica*. Amorrortu Editores.
- ISCTE (2025). <https://www.iscte-iul.pt/>
- Jacinto, J. I. da S. M. (2018). *O Papel das Associações de Estudantes na Dinâmica do Desporto Universitário*. Faculdade de Motricidade Humana-UL.
- Kirby, M.; Kidd, W.; Koubel, F.; Barter, J.; Hope, T.; Kirton, A. & Madry, N. (1997). *Sociology in perspective*. Heinemann.
- Lakatos, E. V. & Marconi, M. de A. (1998). *Metodologia científica*. Editora Atlas.
- Landry, R. (2003). A análise de conteúdo. In B. Gauthier (Dir.), *Investigação social: Da problemática à colheita de dados* (pp. 345-372). Lusociência – Edições Técnicas e Científicas.
- Lessard-Hébert, M.; Goyette, G. & Boutin, G. (1990). *Investigação qualitativa: Fundamentos e práticas*. Instituto Piaget.

- Macedo, S. C. (2019). Associações e participação pública. *Revista Pedra e Cal*, 67, 12-14.
- Macedo, S. C. (2025). As associações de defesa do património nas políticas de salvaguarda do património cultural em Portugal entre 1974 e 1985. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 25(1), 207-226.
- Micaelo, A. L. (2013). *Relatório sobre o arquivo da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico (AEIST)*. <http://hdl.handle.net/10071/4715>
- Monteiro, A. F. (2022). *O associativismo na Universidade: Desafios e oportunidades*. Editorial Autografia.
- Morley, D. (1986). *Family television: Cultural power and domestic leisure*. Comedia.
- Neuendorf, K. A. (2002). *The content analysis guidebook*. Sage Publications.
- Neves, J. S.; Lima, M. J.; Santos, J.; Macedo, S. C.; Martins, A.; Pratas, S.; Pereira, J. & Nunes, N. (2023). Democracia popular e políticas públicas: O papel do associativismo popular. *Análise Associativa*, 10, 14-42.
- OCDE (2024). https://www.oecd.org/en/publications/education-at-a-glance-2024_c00cad36-en/full-report/component-4.html
- Oliveira, L. T., & Silva M. (2013). *O ativismo estudantil no IST (1945-1980)*. <http://hdl.handle.net/10071/4707>
- Padgett, D. K. (2017). *Qualitative methods in social work research*. Sage Publications.
- Pais, J. M. (2001). *Culturas juvenis e valores cívicos: Os jovens e o associativismo*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais* (J. M. Marques, M. A. Mendes & M. Carvalho, Trads.). Gradiva.
- Ricœur, P. (1995). *Teoria da interpretação*. Porto Editora.
- Rosas, F. (1990). *Salazar e o poder: A arte de saber durar*. Temas e Debates.
- Said, E. (1978). *Orientalism*. Vintage Books.
- Santos, B. S. (2003). *A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência*. Edições Afrontamento.
- Schechner, R. (2002). *Performance studies: An introduction*. Routledge.
- Schön, D. A. (1983). *The reflective practitioner: How professionals think in action*. Basic Books.
- Scott, J. W. (1988). *Gender and the politics of history*. Columbia University Press.
- SEAQ; GAI & RIAG (2022, 2023). <https://www.iscte-iul.pt/conteudos/iscte/quem-somos/11/iscte-numeros>

- Spivak, G. C. (1988). Can the subaltern speak? In C. Nelson & L. Grossberg (Eds.), *Marxism and the Interpretation of Culture* (pp. 271–313). University of Illinois Press.
- Stake, R. E. (2007). *A arte de investigação com estudos de caso*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Thompson, J. B. (1995). *The media and modernity: A social theory of the media*. Polity Press.
- Vala, J. (1990). A análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Coords.), *Metodologia das ciências sociais* (pp.101-128). Edições Afrontamento.
- Viegas, J. M. L. (2004). Implicações democráticas das associações voluntárias: O caso português numa perspetiva comparativa europeia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 46, 33-50.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso. Planejamento e métodos*. Bookman.

ANEXOS

Anexo A - Inquérito aos Estudantes

Apresentação



O meu nome é Leonor da Cunha e no âmbito do Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura, a decorrer no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, desenvolvo uma dissertação de mestrado que tem como título “O associativismo estudantil na integração e promoção cultural dos estudantes: o papel da AEISCTE junto dos estudantes”. O objetivo desta dissertação é caracterizar o papel que as associações de estudantes têm na integração dos estudantes, focando no caso de estudo da AEISCTE.

Nesse sentido, peço a colaboração para o preenchimento do questionário que se segue.

As suas respostas serão fundamentais para o desenvolvimento desta investigação e todos os dados recolhidos serão tratados e divulgados de forma confidencial e anónima. Por favor, leia cada questão com atenção e responda de forma sincera. O preenchimento do questionário deverá demorar cerca de dez minutos.

Para qualquer esclarecimento, pode contactar-me através do e-mail: lhmc@iscte-iul.pt

Se concorda em participar, por favor, avance para a próxima página.

Muito obrigada pela sua colaboração!
Leonor da Cunha





My name is Leonor da Cunha and I'm developing a master dissertation in the Master's Degree in Studies and Management of Culture at ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa under the title. "Students' Unions in the integration and cultural promotion of students: the role of AEISCTE among students". The goal of this dissertation is to characterize the role that student bodies have in the integration of students focusing on the study case of AEISCTE.

Your answers will be fundamental to the development of this research and all the data collected will be treated and disclosed confidentially and anonymously.

Please read each question carefully and answer honestly.

Completing the survey should take about 10 minutes.

If you have any questions, you can contact me at: lhmc@iscte-iul.pt

If you agree to take part, please proceed to the next page.

Thank you very much for your cooperation!

Leonor da Cunha

Concordo em participar neste estudo | I agree to participate in this study

☐ Sim / Yes

☐ Não / No

Dados Demográficos

Tipo de estudante | Type of student

- ☐ Português / Portuguese
- ☐ Internacional / International

Faixa Etária | Age range

- ☐ 18-20 anos / 18-20 years
- ☐ 21-23 anos / 21-23 years
- ☐ 24-26 anos / 24-26 years
- ☐ 27-30 anos / 27-30 years
- ☐ Mais de 30 anos / Over 30 years

Género | Gender

- ☐ Feminino / Female
- ☐ Masculino / Male
- ☐ Prefiro não dizer / Prefer not to say
- ☐ Outro / Other

Curso | Program

Ciclo de estudos | Degree level

- ☐ Licenciatura / Bachelor's
- ☐ Mestrado / Master's
- ☐ Doutoramento / PhD
- ☐ Pós-graduação / Postgraduate diploma
- ☐ Outro / Other

Está no ISCTE desde | You have been at ISCTE since

- ☐ Este ano / This year
- ☐ 1-2 anos / 1-2 years
- ☐ 3 anos ou mais / 3 years or more

Relação com a AEISCTE

Conhece a AEISCTE? | Are you familiar with AEISCTE?

- ☐ Sim / Yes
- ☐ Não / No

Já participou em atividades organizadas pela AEISCTE? | Have you participated in activities organized by AEISCTE?

- ☐ Sim / Yes
- ☐ Não / No

Se sim, em que tipo de atividades? | If yes, what type of activities?

- ☐ Festas / Parties
- ☐ Eventos Desportivos / Sports Events
- ☐ Workshops e formações / Workshops and training sessions
- ☐ Eventos culturais / Cultural events
- ☐ Voluntariado / Volunteering
- ☐ Outros (especificar) / Others (specify)

Como avalia, de forma geral, a qualidade das atividades da AEISCTE? | Overall, how would you rate AEISCTE activities?

- ☐ 1 (Muito fraca / Very poor)
- ☐ 2
- ☐ 3 (Razoável / Average)
- ☐ 4
- ☐ 5 (Excelente / Excellent)

Comunicação e Apoio da AEISCTE

Como costuma saber das atividades da AEISCTE? | How do you usually find out about AEISCTE's activities?

- ☐ Redes sociais / Social media
- ☐ Amigos ou colegas / Friends or colleagues
- ☐ Cartazes ou divulgação no campus / Posters or advertising on campus
- ☐ Outros / Others:

Considera a comunicação da AEISCTE clara e acessível? | Do you consider AEISCTE's communication clear and accessible?

- ☐ Sim / Yes
- ☐ Não / No
- ☐ Parcialmente / Partially

Em que áreas gostaria de ver mais apoio ou eventos por parte da AEISCTE? | In which areas would you like to see more support or events from AEISCTE?

Considera que a AEISCTE proporciona uma “cultura Iscte”? | Do you think that AEISCTE provides an “Iscte culture”?

☐ Sim / Yes

☐ Não / No

Se sim, desenvolva a sua resposta | If yes, elaborate your answer:

Bloco 5

Tem sugestões específicas de atividades ou melhorias para a AEISCTE? | Do you have specific suggestions for AEISCTE activities or improvements?

Bloco 6

Se entender, apresente um comentário ou sugestão adicional | If you want, please make an additional comment or suggestion.

Desenvolvido pela Qualtrics

Anexo B - Inquérito aos Núcleos de Estudantes



Caro Núcleo,

O meu nome é Leonor da Cunha e no âmbito do Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura, a decorrer no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, desenvolvo uma dissertação de mestrado que tem como título “O associativismo estudantil na integração e promoção cultural dos estudantes: o papel da AEISCTE junto dos estudantes”. O objetivo desta dissertação é caracterizar o papel que as associações de estudantes têm na integração dos estudantes, focando no caso de estudo da AEISCTE.

Nesse sentido, peço a colaboração para o preenchimento do questionário que se segue. As suas respostas serão fundamentais para o desenvolvimento desta investigação e todos os dados recolhidos serão tratados e divulgados de forma confidencial e anónima.

Por favor, leia cada questão com atenção e responda de forma sincera. O preenchimento do questionário deverá demorar cerca de dez minutos.

Para qualquer esclarecimento, pode contactar-me através do e-mail: lh MCC@iscte-iul.pt

Se concorda em participar, por favor, avance para a próxima página.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Leonor da Cunha

Caracterização breve

Qual o Núcleo do ISCTE que representa?

Quantos estudantes representa o seu núcleo?

Qual a percentagem de estudantes deslocados/estrangeiros que o núcleo representa?

Há quantos anos o seu núcleo está ativo?

- ☐ Menos de 1 ano
- ☐ 1-3 anos
- ☐ 4-6 anos
- ☐ Mais de 6 anos

Dinamização Cultural e Integração

Considera que o seu núcleo contribui para a integração dos estudantes no ISCTE?

- ☐ 1 (Nada)
- ☐ 2
- ☐ 3 (Moderadamente)
- ☐ 4
- ☐ 5 (Muito)

Quais os principais fatores que considera fundamentais para integrar e envolver os estudantes?

- ☐ Atividades culturais
- ☐ Convívios (jantares, sunsets, etc)
- ☐ Sessões de esclarecimento
- ☐ Atividades desportivas
- ☐ Voluntariado
- ☐ Outros:

No último ano, quantas ações de natureza cultural promoveu o seu núcleo?

- ☐ Nenhuma
- ☐ Entre 1 e 3
- ☐ Entre 3 e 5
- ☐ Mais de 5

Perceção do Apoio e Presença da AEISCTE

Em termos gerais, sente que a AEISCTE apoia o seu núcleo?

- ☐ Sim, de forma consistente
- ☐ Sim, mas de forma pontual
- ☐ Não sentimos apoio
- ☐ Nunca procurei apoio
- ☐ Outro:

Que atividades da AEISCTE conhece?

Como classificaria o nível de apoio da AEISCTE ao seu núcleo?

- ☐ 1 (Muito insuficiente)
- ☐ 2
- ☐ 3 (Adequado)
- ☐ 4
- ☐ 5 (Excelente)

Em que áreas sente mais apoio por parte da AEISCTE?

- ☐ Divulgação de eventos
- ☐ Apoio logístico (espaços, materiais, etc.)
- ☐ Apoio financeiro
- ☐ Orientação na organização de atividades
- ☐ Representação institucional

☐ Outras:

Em que áreas sente falta de apoio da AEISCTE?

- ☐ Divulgação de eventos
- ☐ Apoio logístico (espaços, materiais, etc.)
- ☐ Apoio financeiro
- ☐ Orientação na organização de atividades
- ☐ Representação institucional

☐ Outras:

Na sua opinião, a AEISCTE tem uma presença visível junto dos estudantes que o seu núcleo representa?

- ☐ Sim, de forma clara e notória
- ☐ Sim, mas ainda pouco visível
- ☐ Não, tem uma presença discreta
- ☐ Não, praticamente inexistente

Que tipo de iniciativas da AEISCTE considera mais eficazes para reforçar a sua presença junto dos estudantes?

- ☐ Eventos culturais e recreativos
- ☐ Sessões de esclarecimento ou workshops
- ☐ Ações de apoio aos núcleos
- ☐ Atividades de integração para novos estudantes

☐

Outras:

Comente a seguinte afirmação: "A AEISCTE realiza atividades que integram culturalmente os estudantes do Iscte".

Na sua opinião, que melhorias a AEISCTE poderia implementar?

Reflexão Final (Opcional)

Se entender, apresente um comentário ou sugestão adicional.

Anexo C – Plano de Atividades e Orçamento da AEISCTE para o biénio 2024/2025

O Plano de Atividades e Orçamento é um documento demasiado grande para ser incluído neste anexo. Por esta razão, apresentamos a página de capa e o *link* de acesso ao documento.

PLANO DE ATIVIDADES E ORÇAMENTO

2024 - 2025



<https://drive.google.com/file/d/1aUVf6aXgRGJBBfouZrzEFSVgQzLzjOLS/view?usp=drivesdk>